

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA CAROLINA COELHO CHIMENTI

CONTRIBUIÇÕES DAS NOVAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DE INGLÊS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

CAMPINAS

2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA CAROLINA COELHO CHIMENTI

CONTRIBUIÇÕES DAS NOVAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DE INGLÊS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da UNICAMP, para obtenção do
título de licenciatura em Pedagogia, sob a
orientação da Profa. Dra. Heloísa Andreia de
Matos Lins.

CAMPINAS

2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8º/5751

C44c

Chimenti, Maria Carolina Coelho, 1988 -
Contribuições das novas tecnologias para o ensino-
aprendizagem de inglês nos anos iniciais do Ensino
Fundamental / Maria Carolina Coelho Chimenti. –
Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Heloísa Andreia de Matos Lins.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Língua inglesa. 2. Tecnologia da informação e
comunicação. 3. Ensino fundamental. 4. Formação de
professores. I. Lins, Heloísa Andreia de Matos. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

12-233-BFE

Agradecimento:

À Prof. Dra. Heloísa Andreia de Matos Lins, que me orientou e ajudou na elaboração deste trabalho.

À minha família, que sempre me apoiou e incentivou os meus estudos.

Aos meus amigos que me acompanharam e me ajudaram nesses anos em que passei pela graduação.

Às professoras da EMEF Elza Maria Pelegrini Aguiar, que possibilitaram a realização da pesquisa ação e se mostraram dispostas a me ajudar na realização deste trabalho.

Às crianças da EMEF Elza Maria Pelegrini Aguiar, que foram essenciais para a elaboração da minha pesquisa e contribuíram muito com sua sinceridade e espontaneidade.

Resumo:

Para analisar as contribuições das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no Ensino e Aprendizagem de Inglês no Ensino Fundamental (ciclo I), pretendeu-se, nesta pesquisa, obter dados que permitam conhecer i) a importância da aprendizagem de um idioma estrangeiro nos dias atuais, principalmente o Inglês, na infância e ii) de que forma as Novas Tecnologias podem favorecer um aprendizado de uma forma mais interessante e próxima da realidade dos estudantes. Este estudo apoia-se em referenciais teóricos que abordam o Inglês no E.F. I, numa perspectiva dialógica, e nos estudos sobre as Novas Tecnologias, assim como sobre a formação de professores. Para tanto, o presente trabalho trará os resultados de uma pesquisa-ação junto à EMEF Elza Maria Pelegrini de Aguiar, localizada num bairro de Campinas-SP, onde há um projeto docente voltado ao uso das TICs e permitiu o desenvolvimento de atividades com a Língua Inglesa, com alunos de duas salas de 5º. Ano, a partir das tecnologias que a escola possui em seu laboratório de informática.

Sumário

1. Introdução.....	6
1.a Objetivos	10
1.b Justificativa.....	11
2. Ensino de Língua Estrangeira/Inglês nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	16
3. Novas tecnologias, formação de professores e ensino de línguas.....	22
4. Método.....	28
5. Descrição dos Resultados/Análise dos resultados	41
6. Considerações finais	68
7. Referências Bibliográficas	71
8. Anexos	73

1. Introdução

Considerando minha experiência como estudante e admiradora da língua inglesa, pretendo, neste trabalho, analisar aspectos referentes à importância da aprendizagem da língua inglesa na sociedade atual, principalmente na infância, aos processos de ensino aí envolvidos, bem como às Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, como possíveis ferramentas pedagógicas nesse âmbito.

Formei-me em inglês em 2010, no Centro Cultural Brasil Estados Unidos Campinas, e fiz intercâmbio no Canadá, em 2011. Em 2011, obtive o certificado de proficiência na língua inglesa, atribuído pela “University of Michigan”.

Durante meu processo de aprendizagem de língua inglesa, encontrei dificuldades para conseguir me comunicar de forma “natural”, por se tratar de uma segunda língua. Passei por diversas escolas de inglês, além das aulas na escola básica, que comecei na quarta série, e reparei que cada escola tinha uma metodologia de ensino diferente, mas todas priorizavam a memorização e a repetição, procurando integrar o “writing”, “listening”, “reading”, “speaking” e “grammar”, avaliando o conhecimento em cada área de forma separada e artificial, através de vídeos em que os falantes de inglês tinham uma voz robótica e lenta, diferente das que eu percebia em filmes, músicas, etc. A base para todo esse processo de ensino sempre era o livro didático e a tecnologia era apenas um auxílio para passar o mesmo conteúdo dos livros de uma forma diferenciada e supostamente mais “atrativa”.

Como cita Pereira (2007, pg. 9) a tendência que se observa no ensino de línguas é a utilização de métodos de aprendizagem que facilitam a memorização e priorizam a repetição do vocabulário novo, sem valorizar a importância de trabalhar a perspectiva sócio-interacional da linguagem, que permite que os educandos construam, em um ambiente interativo, seus próprios significados.

Assim, em minha experiência como estudante de inglês, reparei que a tecnologia estava presente na maioria das escolas de inglês particulares onde estudei, porém, era mero instrumento para tornar as aulas diferentes e atrativas, sem ser usada como uma forma de interação efetivamente dialógica e significativa. Em todas as escolas, senti falta de uma integração cultural, interação e comunicação com as pessoas que viviam no país estrangeiro, que

só fui conhecer durante minha experiência no exterior, a qual contribuiu muito para que adquirisse fluência em inglês e ganhasse mais admiração por aquela cultura e conseqüentemente pela língua.

Neste sentido, segundo Paiva (2001), a internet possibilita um ambiente virtual de comunicação com o mundo, oferecendo situações de comunicação autênticas, onde o aluno tem a oportunidade de interagir com nativos e outros aprendizes da língua alvo (como por exemplo, a Rede Social MyEnglish Club¹), sendo um espaço favorável para o aluno construir o conhecimento do idioma. Neste contexto, Bakhtin (2003) também afirma que a linguagem deve ser um processo constante de interação mediado pelo diálogo.

Algum tempo depois, em 2011, cursando o terceiro ano de Pedagogia, trabalhei como estagiária em uma escola Canadense Bilíngue chamada “Maple Bear”, e ali pude perceber aspectos de aquisição da língua estrangeira sob uma perspectiva diferente, que eu nunca havia vivenciado. Trabalhei em uma classe de crianças de dezoito meses até três anos de idade. A escola trabalhava com um método de imersão na língua estrangeira e, dessa maneira, as professoras, estagiárias e quaisquer funcionárias da escola só poderiam conversar com as crianças e entre si em inglês, de modo que os alunos fossem adquirindo a segunda língua de uma forma espontânea, procurando adaptar-se àquele novo meio. O resultado que percebi foi muito positivo e rápido quanto à aquisição da língua estrangeira.

Contudo, na presente pesquisa, o enfoque recai naquelas crianças que iniciam seus estudos na língua inglesa mais tardiamente, já no Ensino Fundamental, pois, no Brasil, a LDB (1996) determina que a escola pública seja obrigada a incluir no seu currículo, “a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição” (Cf. Art. 26. parágrafo 5º). Em nosso país, a grande parte das escolas oferece exclusivamente o inglês como língua estrangeira, principalmente a pública.

Diante do exposto, pretende-se observar e analisar meios em que as novas tecnologias poderiam ajudar a tornar o ensino e o aprendizado de inglês mais contextualizado, significativo e promover uma experiência semelhante à

¹ MyEnglishClub. Disponível em: <http://my.englishclub.com> . Acesso em: 10 de set. de 2012

de um “intercâmbio cultural”, pois as redes sociais, os blogs, jogos online, sites (como o youtube, por exemplo, entre outros), permitem uma interação dos alunos e do professor com a cultura inglesa e com os falantes nativos do inglês.

A internet e os objetos de aprendizagem estimulam um ambiente de comunicação com o mundo, o que implica na possibilidade do aluno se relacionar com falantes nativos e outros aprendizes da língua inglesa. De acordo com Audino e Nascimento (2010), os objetos de aprendizagem são recursos capazes de reestruturar as práticas pedagógicas, pois criam novas maneiras de refletir sobre o uso da comunicação, da informação e da interação. Além disso, podem ser encontrados na Internet, através de repositórios digitais², propiciando a diminuição dos custos em produção de materiais educacionais. Segundo Sosteric & Hesemeir (2002 apud AUDINO e NASCIMENTO, 2010), os objetos de aprendizagem são arquivos digitais que podem ser utilizados com fins educacionais e que incluem sugestões sobre o contexto apropriado no qual devem ser utilizados. Uma grande vantagem sobre os objetos de aprendizagem é que eles podem ser “objetos pré-prontos”. Os alunos é que inserem o conteúdo para terminá-los e disponibilizar na Internet suas versões pessoais. Isso permite que o professor proponha trabalhos bastante significativos, uma vez que parte dos interesses e contextos dos próprios alunos. O advento da Web 2.0³ (Segunda Geração da Web) também é um atrativo nessa área, pois permite aos aprendizes adquirirem, transmitirem e criarem conhecimentos, através de blogs, wikis, podcasts e softwares, que são recursos da internet que possibilitam interação, criação e edição de atividades por parte dos estudantes e professores.

Portanto, a tecnologia, particularmente a internet, e os objetos de aprendizagem podem ser usados como “ferramentas de ensino” para as aulas

² Repositórios digitais surgem como ambientes informacionais digitais para gerenciamento e controle da produção acadêmica e científica de instituições e/ou comunidades, oferecendo vantagens como acesso irrestrito, interoperabilidade dos dados e preservação da informação à longo prazo (CAMARGO; VIDOTTI, 2008).

³ Web 2.0 é um termo utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web - tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A ideia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo. (Folha de S. Paulo, 10/06/2006)

de inglês, trazendo para os alunos a oportunidade de terem uma participação mais ativa no processo de aquisição do conhecimento, como afirmam pesquisadores da área, como Paiva (2001), Nicholls (2001), Audino e Nascimento (2010), Rocha (2007), Freire (2011), entre muitos outros.

1.a. Objetivo

Pelo exposto até então, a presente pesquisa têm por objetivo:

- Oferecer subsídios pedagógicos à utilização das novas tecnologias (sites, jogos, blogs, softwares (...)) no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, em duas turmas de 5o. ano do Ensino Fundamental, numa escola pública municipal, na cidade de Campinas/SP.

Com base nas visitas a escola, pretende-se observar e analisar aspectos referentes às contribuições das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no Ensino e Aprendizagem de Inglês no Ensino Fundamental (ciclo I) e obter dados que permitam conhecer i) a importância da aprendizagem de um idioma estrangeiro nos dias atuais, principalmente o Inglês, na infância e ii) de que forma as Novas Tecnologias podem tornar esse aprendizado mais contextualizado e significativo.

1.b. Justificativa

Atualmente, os Parâmetros Oficiais não obrigam o ensino de línguas estrangeiras nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A língua estrangeira só será obrigatória a partir do Ensino Fundamental II, de acordo com a LDB (1996). É também claro que existe um fracasso escolar no ensino de inglês nas escolas regulares do país (ROCHA, 2008), como será retomado no capítulo 2. Além disso, observa-se que as aulas de inglês nas escolas, geralmente, facilitam a memorização e priorizam a repetição do vocabulário novo, sem valorizar a importância de trabalhar a perspectiva sócio-interacional da linguagem (PEREIRA, 2007). Como afirma Figueira (2008), os professores de línguas também costumam ensinar suas crianças da mesma maneira como ensinam os adultos, sem considerar suas diferenças cronológicas e psicológicas, ou seja, não compreendem adequadamente o nível de desenvolvimento da criança, o que reflete em uma lacuna na formação desses profissionais. Além disso, os professores ainda se sentem inseguros quanto ao uso da tecnologia: 85% de uma amostra de 253 professores de ensino médio de escolas públicas estaduais de Campinas, por exemplo, ainda não se percebem altamente confiantes para utilizar tecnologias no ensino, em situações que envolvem este uso com os alunos, conforme aponta Alvarenga (2010).

É também essencial ressaltar que a maioria das pesquisas sobre aprendizagem de língua estrangeira não focaliza crianças alfabetizadas, entre 8 e 10 anos (FIGUEIRA, 2008). Sobre a aquisição de línguas, como afirma Macowski (1993 apud FIGUEIRA, 2008), a maioria dos pesquisadores se preocupam principalmente com a aquisição de língua estrangeira (LE) na idade adulta e, quando se trata da aquisição de língua durante a infância, o maior número de pesquisas preocupa-se com a aquisição da língua materna.

Ademais, nos estudos que se referem ao ensino de línguas e tecnologias, é observada uma escassez de pesquisas relacionadas diretamente com as crianças, como foi confirmado ao se analisar os anais eletrônicos do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem. A mesma situação se repetiu na I Jornada do Ensino de Línguas e Tecnologia (I JELT), congresso organizado pelo IEL, e também

no Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia (EVIDOSOL/CILTEC-online).

Contudo, Rocha (2008), diz que têm sido crescente e mundial o interesse no ensino-aprendizagem de LE para crianças nos mais variados contextos, e cita que vários autores (Cameron, 2001; Brewster, Ellis & Girard, 2002; Luz, 2003) afirmam que essa é uma área de promissora vivacidade, principalmente porque vivemos em uma sociedade marcada pela diversidade linguística e cultural, o que leva a busca por vários tipos de conhecimento, incluindo a aprendizagem de uma segunda língua.

Diante dessas situações, neste trabalho destaca-se que o ensino de línguas estrangeiras, no caso o inglês, poderia ser iniciado já nas séries iniciais do ensino fundamental, porque atualmente a língua inglesa possui um controverso papel de língua universal (MCKAY, 2002; BRITO, 1999 apud ROCHA, 2008) e, conseqüentemente, evidencia-se um forte tendência para que seu aprendizado tenha início cada vez mais cedo. Além disso, há uma pressuposição de que a criança tem condição de aprender línguas mais facilmente que o adulto e de que quanto mais cedo iniciar esse processo, melhores serão as chances de sucesso (BREWSTER; ELLIS & GIRARD, 2002, apud ROCHA, 2008). Como afirmam Scott & Ytreberg (2004 apud ROCHA, 2008) “a criança é naturalmente curiosa, envolvendo-se facilmente em atividades que lhe despertam o interesse” (pg. 18).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental), a língua estrangeira no Ensino Fundamental faz parte da construção da cidadania, pois envolve processos de reflexão sobre realidade social, política e econômica. Ademais,

a aprendizagem de uma língua estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s). (PCN-LE, 1998, pg. 37).

Ainda segundo o PCN - LE, a aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme

expresso na Lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN – Club Internacional. Dessa forma, a escola não pode se omitir em relação a essa aprendizagem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais determinam alguns critérios para a inclusão de Línguas Estrangeiras no currículo, e, dentre eles, estão os fatores históricos. Os fatores históricos são basicamente o papel que uma determinada língua representa em algum momento da história da humanidade, o que torna sua aprendizagem mais relevante. A relevância, nesse contexto, é definida pelo papel hegemônico da língua nas relações internacionais, gerando consequências para as trocas internacionais nos campos da educação, ciência, cultura, trabalho, etc.

Sabe-se que, atualmente, o inglês é uma língua de poder econômico e dos interesses de classes, ou seja, uma língua com papel hegemônico nas trocas internacionais, basta reparar a posição que ela ocupa nos campos dos negócios, da cultura popular, das relações acadêmicas internacionais, etc. Portanto, a aprendizagem de inglês, quando há consciência crítica de seu papel hegemônico, é relevante e pode ajudar na formulação de “contra-discursos”, ou seja, o inglês pode ser utilizado como forma de agir no mundo e transformá-lo. Contudo, é importante destacar que a ausência dessa consciência crítica durante o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa pode ajudar na manutenção do *status quo*, no lugar de cooperar para a sua transformação. (PCN - LE, 1998).

Neste trabalho, defendemos ser importante que o ensino de línguas seja iniciado no Ensino Fundamental I. Como afirma Rocha (2006), vivemos em uma sociedade globalizada e o inglês possui grande importância. Por isso, há uma expansão dessa língua nas séries iniciais do ensino público brasileiro, porém, sem o apoio dos parâmetros oficiais (como já mencionado, a aprendizagem de uma língua estrangeira só é obrigatória a partir do Ensino Fundamental II, de acordo com a LDB (1996)). Assim como o PCN – LE, a autora concorda que o objetivo maior do ensino de uma língua estrangeira é a formação de um cidadão crítico, capaz de fazer uso dessa língua para atuar de forma ética e efetiva na sociedade em que vive.

Para explicitar a importância do fator idade na aprendizagem de línguas, Cameron (2001 apud ROCHA, 2007) diz que as crianças possuem grande potencial de aprendizagem, se interessam por tópicos difíceis e abstratos, desde que não se sintam pressionadas e estejam motivadas. Cameron (2001) também afirma que os jovens são “entusiasmados e cheios de vida, participativos, desinibidos e falantes” (p. 32). Entretanto, Rocha (2007) destaca a importância de procurar compreender e respeitar a individualidade da criança, suas experiências de vida e valores, independentemente da idade.

O PCN, quando sugere orientações didáticas para o processo de ensino da língua estrangeira, fala sobre o impacto da tecnologia da informática nesse processo, e cita dois aspectos importantes: o acesso à informação possibilitado pelo conhecimento da língua estrangeira e os softwares disponíveis para o ensino da língua estrangeira. Os parâmetros ainda afirmam:

É inegável que aumenta cada vez mais a possibilidade de acesso às redes de informação do tipo internet, como também as exigências do mundo do trabalho passam a incluir o domínio do uso dessas redes. O conhecimento de Língua Estrangeira é crucial para se poder participar ativamente dessa sociedade em que, tudo indica, a informatização passará a ter um papel cada vez maior”. (PCN, LE, 1998, pg.87).

Além disso, ferramentas como a TV, revistas, jornais e, claro, o computador, podem ser utilizadas como tarefas pedagógicas que vinculam o que se aprende em sala de aula com o mundo exterior.

De acordo com Leite (2011), a tecnologia é tudo aquilo que auxilia o homem a executar uma tarefa e, no caso da educação, o professor e os alunos a construir conhecimento. Segundo ela, o papel, o lápis, o quadro negro, portanto, também são tecnologias, mas não eletrônicas. A autora afirma que atualmente há uma predominância da mídia e da tecnologia eletrônica nas atividades socioculturais: “O padrão comportamental mundial predominante parece ser que, nas sociedades urbanas, o consumo de mídia é a segunda grande categoria de atividade depois do trabalho e, certamente, a atividade predominante nas casas” (Leite, 2011, pg. 65). Como a atividade educativa que acontece nas escolas é uma atividade sociocultural, cabe aos educadores refletir sobre formas de integrar as mídias e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no processo pedagógico. Leite (2011) defende a ideia de que as mídias não podem ser utilizadas como simples recursos para tornar a

aula mais interessante e distrair alunos, mas se pautar no conceito pedagógico de tecnologia educacional (TE), que, de acordo com a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional ABT (1982 apud LEITE, 2011, pg. 66), é “uma opção filosófica centrada no desenvolvimento integral do homem, inserido na dinâmica da transformação social; concretiza-se pela aplicação de novas teorias, princípios, conceitos, técnicas, num esforço permanente de renovação da educação”.

Nesta direção, Amora (2011, pg. 22) afirma que no sistema educacional é fundamental que o corpo escolar objetive ter as mídias como parceiras no processo de aprendizado e não como adversárias, valorizando o processo de formação do professor. O fato é que a tecnologia tomou uma dimensão tão grande na vida dos indivíduos que hoje é praticamente impossível ignorá-la ou proibi-la; precisamos nos adaptar a ela e aceitá-la, procurando utilizá-la em nosso benefício.

Portanto, nos dias atuais, torna-se imprescindível que as escolas busquem formas de integrar as TICs aos seus métodos de ensino, nas diferentes áreas do conhecimento, pois há um predomínio das tecnologias nas atividades socioculturais. Este trabalho, especificamente, procura integrar essas tecnologias às aulas de inglês para as crianças do Ensino Fundamental I.

2. Ensino de Língua Estrangeira/ Inglês nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Um dos focos desta pesquisa são algumas questões relativas ao ensino de língua inglesa (LI) para crianças que se encontram no início de sua aprendizagem formal. Nessa perspectiva, busca-se apontar neste capítulo aspectos teórico-práticos que sejam pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem de línguas na infância, sobretudo a língua inglesa.

Sabe-se que hoje em dia há um crescente interesse em estudos pelo processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira (LE) para crianças, como já foi afirmado no capítulo 1, principalmente por vivermos num contexto bastante marcado por demandas nesse sentido (onde a tecnologia é também influente), conforme aponta Rocha (2008):

sociedade marcada pela diversidade linguística e cultural, como também pelo constante surgimento de novas tecnologias e meios de comunicação, os quais redimensionam a relação entre pessoas e povos, intensificam-se a busca por diversos tipos de conhecimento, dentre eles, a aprendizagem de pelo menos uma nova língua (pg. 16).

Sabe-se que atualmente o inglês possui o papel (muito questionável) de língua internacional, como já foi discutido no capítulo 1. Baseado neste fato existe uma disposição para que o aprendizado de LI se inicie cada vez mais cedo, e há muitas teorias que afirmam que as crianças têm condições de aprender outras línguas mais facilmente que o adulto, como aponta a Hipótese do Período Crítico, defendida por Penfield & Roerts (1959 apud ROCHA, 2008) e por Lenneberg (1967 apud ROCHA, 2008). Para esses autores, a criança, devido à plasticidade maior do cérebro durante os primeiros anos da infância, apresenta maiores chances de sucesso que o adulto frente à aprendizagem de uma nova língua. Entretanto, a Linguística Aplicada considera esse tema muito polêmico e vários pesquisadores afirmam que a boa aprendizagem de LE pelas crianças está relacionada a objetivos bem constituídos e em conformidade com o contexto no qual esse ensino está inserido. (JOHNSTONE, 1994, 2002 e FUKUSHIMA, 2004 apud Rocha, 2008).

No contexto brasileiro de ensino-aprendizagem de línguas para crianças, observa-se que o ensino de inglês está se difundindo nas escolas regulares e também em escolas de idiomas. Apesar do caráter não obrigatório no ciclo I do Ensino Fundamental, como apontado, o ensino de LI está consolidado nos

Planos Curriculares de muitas escolas particulares e em contínua expansão nas escolas do setor público (SANTOS, 2005 apud ROCHA, 2008). Contudo, é evidente que há uma ineficácia do ensino de línguas nas escolas regulares do país, em especial nas escolas públicas (GRIGOLETTO, 2000; WALKER, 2003; OLIVEIRA, 2003 apud ROCHA, 2008). Como afirma Rocha (2008), os fatores que dificultam o ensino-aprendizagem de línguas estão ligados à falta de parâmetros oficiais que delimitam diretrizes específicas para condução do ensino de língua estrangeira, além da escassez de estudos sobre ensino de LE para crianças de 1^a. a 4^a. série (FIGUEIRA, 2002; CAMERON, 2001 apud ROCHA, 2008), e também à má formação do professor que atua nesse contexto. (ABRAHÃO, 2004; GIMENEZ, 2005 apud ROCHA 2008). De um modo geral, os cursos de línguas nos ciclos I e II do Ensino Fundamental nas escolas brasileiras vêm ocorrendo de forma aleatória, precariamente planejada, fragmentada e insatisfatória. (SCARAMUCCI, COSTA, ROCHA, 2008).

Procurando atenuar os fracassos no âmbito da aprendizagem de LE e visando que o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa na infância seja bem sucedido, mais precisamente no ciclo I do ensino fundamental, é importante estudar as melhores maneiras de se motivar a criança a aprender outra língua e de se abordar o vocabulário, a gramática e as habilidades nesse processo, respeitando a natureza da criança como aprendiz (ROCHA, 2008). É fundamental ter ciência de que o foco de atenção da criança é relativamente curto (BROWN, 2001 apud ROCHA, 2008) e, portanto, é necessário que ela esteja engajada nas tarefas que envolvam a construção ativa do conhecimento e o uso significativo da linguagem, para que sua aprendizagem seja favorável (VYGOTSKY, 1998, 2001 apud ROCHA, 2008).

Professores bem preparados e propostas de ensino eficientes, que promovam interações para que a criança se desenvolva integralmente enquanto utiliza a língua-alvo em diversas situações, são fundamentais para o sucesso da aprendizagem de LE.

Com base nesses postulados, conclui-se que o objetivo principal do ensino de uma língua estrangeira é formar a criança integralmente e propiciar seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, afetivo e sociocultural (MOON, 2000; BREWSTER, ELLIS & GIRARD, 2002 apud ROCHA, 2008). Além disso, o ensino de inglês deve manter uma finalidade emancipatória e transformadora

(RAJAGOPALAN, 2005 apud ROCHA, 2008). É também imprescindível atentar-se para o papel da tecnologia atualmente e também para o seu uso no ensino-aprendizagem de uma LE na infância.

Para falar sobre como se constrói o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira (inglês) entre crianças que estão no Ensino Fundamental, mais precisamente no 5º ano, Figueira (2008) afirma, baseada em teorias de Krashen (1993) e Vygotsky (1998), que é papel do professor proporcionar linguagem coerente com o nível de desenvolvimento de aquisição do aluno e propiciar a ele insumo de forma significativa. A autora pesquisou crianças alfabetizadas⁴ que estudam língua estrangeira e objetivou entender a construção do processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira com crianças na faixa etária de 8 a 10 anos.

Para explicar o processo de ensino-aprendizagem de LE com crianças entre 8 e 10 anos, a autora cita o período *operatório concreto*, concebido por Piaget. Piaget (1972 apud FERREIRA, 2008) descreve o desenvolvimento cognitivo em uma série de estágios, sendo que cada estágio é calcado no anterior e constrói alicerces para o seguinte. As crianças de 8 a 10 anos, em média, encontram-se no período *operatório concreto*, ou seja, a criança pensa logicamente sobre as coisas que experimentou, desenvolve a concentração individual e a colaboração efetiva da vida em comum. Além disso, pode se concretizar uma autonomia relativa da consciência moral (valores pessoais caracterizados pela honestidade, sentido de justiça e reciprocidade) e a criança não segue mais apenas o prazer, reforçando a tendência do dever.

Piaget (1978 apud FIGUEIRA, 2008) destaca a importância dos jogos direcionados às crianças que estão nesse período, pois possibilitam interação dos aprendizes com colegas e exigem cooperação e esforço do grupo, além de entendimento e respeito das regras que definem esse jogo. Quando a criança está de frente com uma situação-problema provocada pelo jogo e tenta resolvê-la com o fim de ganhá-lo, ela cria procedimentos e organiza os resultados obtidos.

⁴ Segundo Figueira (2008), a criança alfabetizada é aquela que usa a leitura e a escrita para a execução das práticas que constituem a sua cultura.

No contexto do ensino de língua estrangeira (inglês), Ferreira (2008) realizou um estudo de caso, analisando uma turma semestral de língua inglesa de 8 a 10 anos, em uma escola de idiomas particular, e descobriu que os jogos possibilitam que os aprendizes interajam com seus colegas, de modo que os mais experientes auxiliem os menos experientes, corrigindo espontaneamente a pronúncia ou mesmo ensinando os colegas o significado das palavras. A pesquisadora concluiu então que os jogos não deveriam ser usados em aulas de LE somente como uma atividade lúdica que visa levar os alunos à aprendizagem de objetos linguísticos ou promover o uso da língua-alvo, mas, preferivelmente, como maneira de produzir interações por meio das trocas de conhecimento linguístico e criar um clima de desafio e espontaneidade entre as crianças, ou seja, o jogo não seria somente uma atividade motivadora, mas também construtiva da linguagem.

Ferreira (2008) também fala sobre as contribuições da teoria vygotskiana para o ensino de LE para crianças (LEC). Ela destaca o conceito de Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD), que seria o espaço entre o que a criança consegue realizar com a ajuda do outro (nível de desenvolvimento proximal) e o que ela consegue realizar de maneira autônoma (nível de desenvolvimento real) e relaciona com a aprendizagem de inglês, afirmando que a linguagem torna-se significativa na ação conjunta e, portanto, a aprendizagem de LE deve acontecer através de interações sociais significativas, mediadas pela linguagem na relação com o professor, com colegas e com o material didático.

Durante esse estudo de caso, Ferreira (2008) percebeu que qualquer tarefa que permita o foco no significado é um procedimento válido nas aulas de inglês, seja ele em forma de tarefa, jogo ou outra prática comunicativa, pois o fundamental é que a prática seja contextualizada, ou seja, esteja dentro de uma situação significativa para o aluno. Constatou que os jogos lúdicos e as canções nas aulas de inglês são atividades em que os alunos estão muito engajados e que muitos problemas ocorridos com as crianças observadas se deram porque muitas vezes elas foram ensinadas como os adultos.

Cameron (2003, pg. 107) também diz que a criança “busca o sentido em como a língua é usada na ação, na interação e com uma intenção”, e não como um sistema interno, constituído de formas linguísticas abstratas. Nesse sentido, a gramática e o vocabulário, aspectos formais da língua, devem estar

subordinados à produção dos sentidos nas práticas de linguagem. (SCARAMUCCI, COSTA, ROCHA, 2008).

Mckay (2006, apud SCARAMUCCI, COSTA, ROCHA, 2008) afirma que as condições ideais para a aprendizagem de LE para crianças devem incluir: a) foco no sentido; b) promoção de materiais e interações interessantes; c) boas oportunidades de foco na forma e d) um ambiente amigável, colaborativo, seguro e que proporcione suporte para a aprendizagem.

Mckay também destaca as diferenças a serem levadas em conta ao comparar a criança e o adulto frente à aprendizagem de LE: a) crescimento, pois na infância a noção de tempo e o entendimento da relação causa-efeito são mais precários e ainda é difícil para as crianças utilizar a metalinguagem; b) vulnerabilidade, porque os jovens aprendizes são mais sensíveis a críticas que os adultos; e, por fim, c) letramento, pois a criança ainda se encontra desenvolvendo habilidades relacionadas a práticas letradas da língua materna, ao mesmo tempo em que aprende a nova língua (no caso inglês).

A partir do exposto até então, parece ser necessário que haja uma reflexão sobre as políticas educacionais existentes e os referenciais oficiais para o ensino de LE nas escolas regulares do Brasil (SCARAMUCCI, COSTA, ROCHA, 2008), principalmente durante o ciclo I do Ensino Fundamental. É, da mesma forma, indispensável conhecer os contextos desse ensino, para então elaborar diretrizes adequadas para conduzir a aprendizagem da melhor forma, investigando as necessidades específicas dos jovens aprendizes de línguas, suas características, nível de proficiência, etc.

Em fim, é primordial não nos esquecermos do objetivo central do ensino de línguas na infância, que é o de contribuir para a formação de cidadãos críticos e que podem atuar de maneira efetiva na sociedade por meio da língua alvo, sem ignorar a natureza de aprendizagem da criança. É também importante colocar que o ensino de inglês desde as primeiras séries do ensino fundamental é cada vez mais necessário porque vivemos em um mundo, como já foi colocado, com diferenças culturais e linguísticas e que demanda o conhecimento de mais de uma língua. Ademais, embora esse ainda seja um assunto controverso, várias pesquisas afirmam que quanto antes começar o ensino de línguas estrangeiras, maiores as chances de sucesso na aquisição desse novo idioma. É fundamental também que esse processo seja conduzido

por professores bem formados e que o ensino tenha objetivos solidamente constituídos e de acordo com os contextos no qual ele esta inserido.

3. Novas tecnologias, formação de professores e o ensino de línguas.

Estamos vivendo um tempo em que as tecnologias se reinventam incessantemente e conquistam espaços cada vez maiores no dia-dia dos cidadãos e é claro que a educação também faz parte dessa realidade. De acordo com várias pesquisas, as novas tecnologias estão se transformando em ferramentas muito poderosas no ensino e na aprendizagem nas escolas, porque permitem a interação, a comunicação, o acesso a muitas informações, além de um dinamismo nas práticas pedagógicas, como veremos a seguir.

De acordo com Matta (2006), as tecnologias da informação e comunicação (TICs)⁵ expandiram a capacidade de armazenamento, registro, interpretação e integração dos dados no computador e na internet e tornaram possível que cada indivíduo tivesse acesso a todo o conhecimento gerado pela sociedade, de forma simultânea e contínua. Além disso, como afirma o autor, as novas tecnologias facilitam processos de colaboração de construção comunitária de conceitos supostamente verdadeiros e permitem a capacidade de ligar certos aspectos e conotações a outros blocos de informação, o que é denominado hipertexto. A velocidade das TICs é rápida, e pode-se trabalhar com informações no tempo real e não há, praticamente, limites para o tamanho ou quantidade de informação a processar. Dessa forma, a sociedade atual vive em um ambiente pleno de informação e conhecimento, continuamente renovado e coletivizado. Consequentemente, como afirma Lévy (1998, apud MATTA, 2006), essa sociedade que está emergindo está voltada para um conhecimento coletivo e disponível o tempo todo, atualizado e acessível a qualquer pessoa.

Contudo, como diz Barato (2002, pg. 109):

Para que haja educação é preciso muito mais do que uma massa formidável de informações imediatamente acessíveis: é preciso que haja elaboração do saber, considerando o jogo da interatividade entre conhecimento, informação e ação humana.

⁵ Segundo (Cortezallo, 2002) apud Freire (2011, pg. 49), “Tecnologias da Informação designa toda forma de gerar, armazenar, processar e reproduzir a informação. (...) Tecnologias da Comunicação são as formas de veicular a informação (livro, revista, correio, fax, jornal, rádio, televisão, internet etc.)”.

Dessa forma, Amora (2011) conclui que o professor deve ter uma boa formação, que lhe apresente as técnicas de produção de veículos de comunicação, para que o mesmo possa influir de forma qualificada na produção do que já é feito e também produzir informação e conhecimento de qualidade. Um novo modelo educacional calcado no professor como mediador do conhecimento (onde é valorizada a participação, o construtivismo e os saberes anteriores dos alunos) pode utilizar os artefatos das mídias como catalisadores para a busca de mais conhecimentos sobre um determinado tema.

Como afirma Matta (2006), o paradigma anterior de conhecimento, que pressupõe um conhecimento facilmente classificado, decomposto, quantificado, com inícios claros e fins definidos, está cedendo lugar a um conhecimento mais operacional, que exige participação, criatividade e flexibilidade. A ideia anterior de educação, de um professor que detém, transmite e já interpreta o conhecimento estocado e codificado para alunos passivos e atentos está ficando ultrapassada, já que potencialmente todos podem ter acesso o tempo todo ao conhecimento e à informação. O professor, diante dessa situação, encontra o desafio de tornar mais interessante a tarefa de ensinar e aprender, transformando seus alunos em co-participantes no processo de ensino e aprendizagem, através das novas tecnologias e não mantê-los mais como simples espectadores. A respeito das novas tecnologias, podemos afirmar que textos, imagens, vídeos, arquivos de áudio, funcionam como recursos de representação do conhecimento. (FIGUEIRA, Mara. *Revista TV escola, Mundo virtual*, Curitiba, p. 18, volume 1, 2010).

Quanto à formação de professores no Brasil, há um projeto denominado ProInfo Integrado, promovido pelo MEC, e que têm a meta de promover a inclusão digital no ensino público do país. Esse projeto oferece cursos para capacitação de professores e conteúdos digitais para enriquecer as aulas. O objetivo é que as escolas recebam laboratórios de informática com conexão banda larga e os professores aprendam a usar os recursos digitais como ferramentas de ensino, utilizando o Portal do Professor, Portal Domínio Público, TV Escola, DVD Escola, entre outros aparatos tecnológicos. (FIGUEIRA, Mara. *Revista TV escola, Mundo virtual*, Curitiba, p. 18, volume 1, 2010).

A informática permite a atitude exploratória, a atividade lúdica e é bem adaptada à pedagogia ativa e construtivista, que pressupõe cada aluno sujeito construtor do conhecimento do qual necessita, participante ativo da aprendizagem e do ambiente que o cerca. (LÉVY, 1998 apud MATTA, 2006). Em decorrência, os papéis da educação e da sala de aula da atualidade são caracterizados pelo conhecimento construído pelo sujeito e não transmitido por especialistas, pela atividade experimental e pela interação social, pelo trabalho coletivo e pela interação do sujeito com o ambiente. (MATTA, 2006).

Nesse âmbito de interação, colaboração, coletividade e compartilhamento de informação, convém falar sobre o conceito de Web 2.0. No princípio da internet, o cenário era próximo ao da televisão: poucas pessoas produziam e a massa consumia. O termo Web 2.0 foi cunhado para denominar os ambientes da internet que permitem, de forma facilitada, a produção e o compartilhamento de conteúdo por qualquer pessoa e, por isso, a Web 2.0 pode ser entendida como uma ferramenta educativa ou um ambiente educacional (NASCIMENTO, 2012). Através desse ambiente, qualquer pessoa pode expressar suas ideias e pensamentos.

A mídia, de forma geral, contribui com a educação das crianças, pois transmite para elas sensações, ideias e conceitos sobre variados assuntos, além de permitirem a experimentação e a autoria desses assuntos, possibilitando um dinamismo nas aulas. As TICs são ferramentas facilitadoras da prática pedagógica do professor e potencializadoras da aprendizagem dos educandos, sendo quase que indispensáveis no mundo atual (CONFESSOR, 2011).

É neste contexto de reestruturação social e de construção de novos paradigmas para aprendizagem que se torna importante a abordagem do ensino de inglês para crianças do ensino fundamental e suas possibilidades na sociedade informatizada emergente.

Quanto ao uso de tecnologias para o ensino de línguas, mais especificamente, a língua inglesa, Rocha afirma:

Em uma sociedade em constante evolução, é preciso refletir sobre todo o conjunto de elementos, além da linguagem verbal, utilizados na atualidade para a construção do sentido na comunicação – a imagem, os gestos, o movimento, o som – e sua relação com o processo educativo e com a construção de letramentos (...) (HALL,

1995; BALL & FREEDMAN, 2004; ROJO, 1998 apud ROCHA, 2008, pg. 20).

Os recursos disponíveis na Web, por serem multidimensionais e não lineares, oferecem aos aprendizes um ambiente mais rico para a aquisição da língua inglesa do que os materiais tradicionais e um espaço adequado aos diferentes estilos cognitivos e às formas preferidas de aprender. Além disso, a Web ajuda a sair do foco no ensino para o da aprendizagem, e o professor deixa de ser aquele que transmite o conhecimento para ajudar a organizar as informações e oferecer trilhas de conhecimento, sendo um guia para os alunos (PAIVA, 2001, pg. 3). Ademais, como continua a autora, os recursos da tecnologia e da internet que reúnem imagem e som criam um ambiente cognitivo que proporciona à mente experiências semelhante às reais. Dessa forma, a aprendizagem através desses recursos é *natural e mais espontânea*, pois podemos escolher nossos caminhos de acordo com nossos interesses e motivações.

A utilização das TICs para aprendizagem de línguas encontra respaldo na teoria construtivista e na teoria sociocultural. Para Piaget (1972 apud PAIVA, 2008), o conhecimento é construído pelo indivíduo através das ações no mundo e, assim, as crianças aprendem buscando informações no seu entorno e construindo seu próprio conhecimento. Ao ensinar os alunos a buscar informações na internet, o professor contribui para formar cidadãos responsáveis pela construção de seu conhecimento e preparados para a aprendizagem ao longo da vida. Contudo, na internet, não buscamos apenas informações, mas também interações, colaboração, compartilhamento. Para Vygotsky (1998 apud PAIVA, 2008), durante a aquisição de uma língua estrangeira, um aprendiz pode ainda não ser capaz de usar ou processar funções mais complexas da língua por faltar estrutura ou vocabulário, porém, com a ajuda de parceiros mais experientes e através da testagem de hipóteses, esse aluno pode obter maior sucesso na comunicação. (PAIVA, 2001, pg. 5).

A autora frisa que a internet oferece um ambiente favorável à interação com falantes nativos ou aprendizes de línguas estrangeiras em todas as partes do mundo. No caso da aprendizagem de línguas, a interação é imprescindível, pois aprendemos uma língua para nos comunicarmos com os outros, seja por

meio escrito ou oral. (PAIVA, 2001). Ao contrário da sala de aula tradicional, que muitas vezes estimula a mera imitação de modelos linguísticos, a internet oferece situações de comunicação autênticas.

Ainda sobre a abordagem comunicativa da Web, Paiva (2001), diz que o material da internet é mais contextualizado e a leitura é mais dinâmica, graças ao uso do hipertexto, que gera mais conexões e mais contextos. Além disso, ela cita o *chat* como um ótimo recurso para a prática do idioma, pois é uma forma de diálogo em que o aluno se engaja para se comunicar com falantes do inglês, nativos ou não.

Trabalhar com blogs também é uma excelente forma de estudar e aprender inglês e de comunicar o que queremos para nossa audiência. Nesse sentido, Lins (2011, pg.2) afirma que “na educação, os blogs são uma excelente ferramenta para publicação de ideias, assim como para construção de diálogos e conversações em torno de projetos de aprendizagem ou ensino.” Como afirma Franco (2005, pg.20), “Por ser uma ferramenta interativa, os blogs apresentam características técnicas que podem ser consideradas pedagógicas, embora não tenham sido criadas com este objetivo, que permitem alcançar o letramento digital”. Os blogs apresentam a possibilidade de publicação instantânea, permitindo a divulgação de textos, imagens, músicas e o arquivamento de mensagens anteriores, além de hiperlinks, que tanto podem complementar o assunto em debate, quanto relacionar um blog a outros blogs. Os blogs segundo Bull (2003 apud FRANCO, 2005), criam um marco de interações sociais e ativam o desejo das pessoas se comunicarem.

Warschauer (et. al., 2000, pg. 7, apud PAIVA, 2001) lista algumas razões para o uso da internet no ensino de Inglês:

contextos autênticos e significativos; aumento do letramento através da leitura, escrita e oportunidades de publicação na Internet; interação, a melhor forma para se adquirir uma língua; vitalidade obtida pela comunicação em um meio flexível e multimídia; (...).

Em suma, a internet e as novas tecnologias demandam um novo modelo de comunicação e também novas demandas cognitivas. O aluno bem sucedido não é mais aquele que armazena informações e sim o que se torna um bom usuário da informação. O professor também não é o que tudo sabe, e sim o que sabe promover ambientes que estimulam a autonomia do aprendiz e que

oferece desafios para o aluno aprender com os outros, através de oportunidades de interação e colaboração.

4. Método

1. Cenário de pesquisa e opções metodológicas

Esta pesquisa qualitativa foi realizada numa Escola Municipal de Ensino Fundamental, a EMEF Elza Maria Pelegrini de Souza Aguiar, localizada no bairro Parque D. Pedro II, região sudoeste de Campinas, SP, em duas salas de quinto ano. Todas as atividades na EMEF foram realizadas no quinto ano A e no quinto ano B, às quartas feiras, pois era um dia em que as crianças já frequentavam a sala de informática, começando às oito horas da manhã.

Os dados desta pesquisa foram explorados com base em perspectivas qualitativas de análise, interpretação e de intervenção (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Especificamente, nesse âmbito, este estudo configura-se como uma pesquisa ação, caracterizada como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1995, p. 14).

Isso significa que, com este trabalho, pretendeu-se desempenhar um papel ativo na realidade dos fatos observados e contribuir para que o ensino de Inglês nessa escola fosse incentivado e facilitado pelo uso das tecnologias. Os alunos e as professoras, também participantes, estiveram envolvidos de modo cooperativo na pesquisa. As professoras e os alunos ajudaram e influenciaram nas decisões.

Por exemplo, a professora Giselle era quem determinava até que momento a atividade podia acontecer, pois os alunos tinham outras atividades da escola para realizar, e, caso se ultrapassasse o tempo, como aconteceu durante a atividade 2, a professora interrompia e pedia para que o trabalho fosse finalizado outro dia, alterando o cronograma. Durante a atividade 2, a própria professora se ofereceu para realizar a atividade que seria feita com as crianças e que não deu tempo em outro momento. A proposta consistia em pedir para que os alunos comentassem no blog o que acharam das atividades. Isso ocorreu em outro momento, no qual o pesquisador não estava presente, pela ação da professora. Quanto a essa participação das pessoas envolvidas na pesquisa, Thiollent (1995) afirma que toda pesquisa-ação é do tipo

participativo, e que a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é extremamente necessária. O autor ainda afirma que uma pesquisa é qualificada de pesquisa ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação e, além disso, essa ação não pode ser trivial, deve ser uma “ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida” (pg. 15).

Thiollent (1995) diz que a pesquisa ação possui dois objetivos: a) o objetivo prático, que é de contribuir para o melhor equacionamento possível do problema, que nem sempre é alcançado em curto prazo, e que nesse caso seria introduzir o inglês nas séries iniciais do ensino fundamental dessa escola com a utilização das tecnologias, e b) o objetivo de conhecimento, que seria obter informações que seriam difíceis de acessar através de outros procedimentos, e aumentar o conhecimento de determinadas situações, como por exemplo, como é o contato das crianças dessa escola e dessa faixa etária com a língua inglesa, como é a formação das professoras dessa escola frente ao uso das TICs, entre outros.

A pesquisa-ação tem também o objetivo de potencializar o grupo (alunos, professores e a comunidade escolar envolvida na pesquisa), lidar com imprevistos (como por exemplo, as dificuldades que foram encontradas para o acesso à Internet na escola, devido às falhas da conexão Wi-Fi) e realizar adaptações, além de procurar deixar algum tipo de mobilização nessa comunidade.

2. Processo de escolha e caracterização dos sujeitos da pesquisa

A escolha da escola ocorreu pelo fato da instituição ser conhecida por ter o programa UCA (um computador por aluno), além de uma sala de informática bem equipada e uma infraestrutura que permite aulas em que se utilizem as novas tecnologias. O UCA⁶ é um programa do governo federal que tem por objetivo ser um projeto educacional utilizando tecnologia e inclusão digital.

⁶ UCA. Disponível em: <<http://www.uca.gov.br/institucional/criteriosEscolha.jsp>>. Acesso em: 15 de out. de 2012.

De acordo com o site CCE – Info⁷ (CCE é a marca dos computadores) em 2010 foram distribuídos 150.000 laptops educacionais a aproximadamente 300 escolas públicas pré-selecionadas nos estados e municípios no país. Cada escola recebeu os laptops para alunos e professores, infraestrutura para acesso à internet, e capacitação de gestores e professores no uso da tecnologia. Poucas escolas fazem parte desse programa, e a escolha das instituições, que podem ser estaduais ou municipais, é muito criteriosa e inclui analisar o número de professores e alunos da escola, sua infraestrutura, localização das escolas (preferencialmente aquelas próximas de Núcleos de Tecnologias Educacionais – NTE), assinatura do termo de adesão e anuência do corpo docente, como está descrito no site do programa.

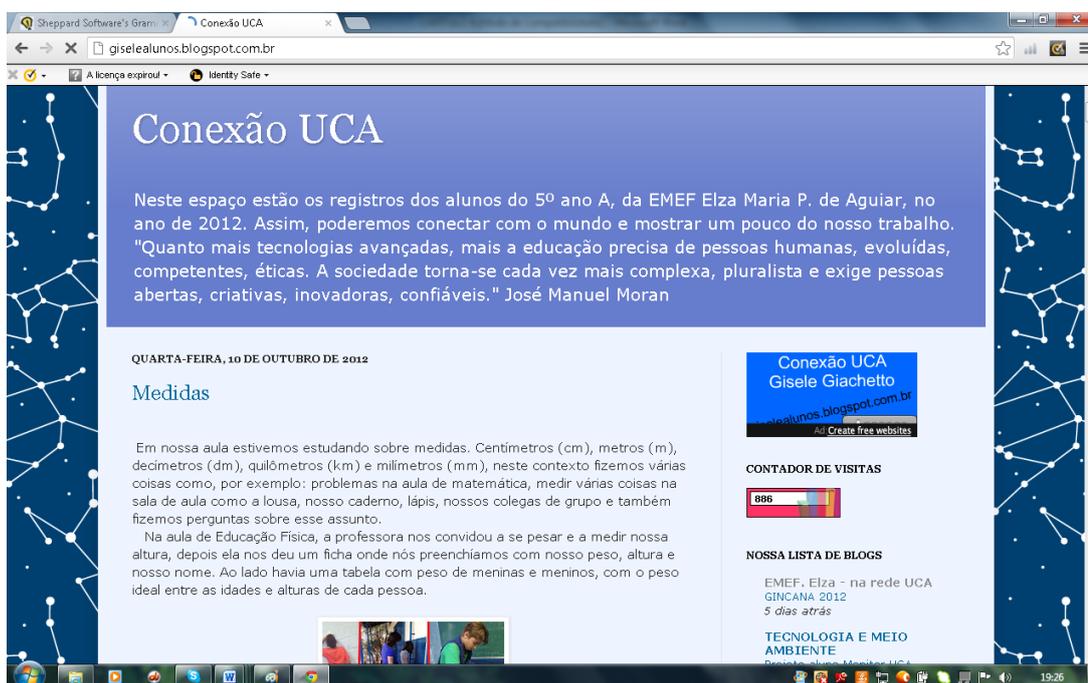
Ademais, a EMEF Elza Maria Pelegrini de Souza Aguiar já possuía dois *blogs*, o da própria escola, disponível em <<http://emefelza2010.blogspot.com.br/>> e outro que foi criado por uma das professoras do quinto ano da escola; professora essa que, com muita boa vontade, permitiu, com autorização da coordenação, que fosse realizada a presente pesquisa na EMEF.

Deste modo, uma das salas de quinto ano em que foi realizado o estudo já utilizava o *blog* criado pela professora, disponível em <<http://giselealunos.blogspot.com.br/>>, que, conforme relato da docente, logo de início, mostrou-se uma ferramenta que incentiva, motiva, ensina e integra essas crianças. Além disso, a publicação do conteúdo (posts) era (e continua sendo até o momento) de autoria dos próprios alunos. Através do blog, as crianças produzem conhecimento, pesquisam, publicam e comentam tudo, conforme foi observado durante as visitas à escola e também através de relatos das próprias crianças e da professora. O gerenciamento é feito por “monitores”, que são alunos escolhidos para organizar e administrar essa ferramenta. O objetivo do blog é divulgar o trabalho dos estudantes e, segundo a professora, o fato deles saberem que o que escrevem será lido por outras pessoas faz com que se empenhem mais nas atividades e também que a escrita faça mais sentido para eles.

⁷CCE-Info. Disponível em: <<http://www.cceinfo.com.br/produtos/educacao/uca>>. Acesso em: 15 de out. de 2012.

De acordo com uma matéria publicada no site⁸ da Prefeitura Municipal de Campinas sobre a utilização do *blog* nessa escola, a professora Giselle, criadora da página, afirma que a ferramenta se tornou um “Diário de Trabalho”, que as crianças passaram a escrever melhor e a serem mais proativas e, além de tudo isso, os pais agora podem acompanhar todo o trabalho das crianças. O blog também registra os passos do projeto UCA e a experiência para os alunos de levar o laptop para casa.

Abaixo, a imagem do blog da professora Giselle, local onde são registrados os trabalhos dos alunos e os projetos desenvolvidos na escola:



As crianças do quinto ano possuem entre 9 e 11 anos de idade. As duas professoras de cada sala já têm contato com a tecnologia, utilizam blogs, e o computador na sala de aula, graças ao UCA. Além disso, conforme dados coletados via questionários, ambas as docentes possuem nível superior e pós-graduação.

2.1. Procedimentos de coleta, registro e análise dos dados:

2.1.1 Observações

O que focava o olhar sobre essa pesquisa e impulsionava as anotações do caderno de campo era a observação do efeito das atividades realizadas

⁸ Prefeitura Municipal de Campinas. Disponível em <<http://www.campinas.sp.gov.br/>>. Acesso em 10 de set. de 2012.

sobre as crianças e as professoras, suas reações frente cada proposta (por exemplo, se demonstravam interesse, aprovação ou reprovação, se estavam concentradas e tomadas pelo assunto discutido, participando com perguntas relacionadas ao tema, etc.) e também os comentários que surgiam espontaneamente tanto das professoras como das crianças. Todas as ocorrências foram registradas em um caderno de campo, após as atividades, para que posteriormente pudesse ser feita a análise dos resultados.

2.1.2. Discursos

Os discursos nessa pesquisa foram coletados por meio de um questionário feito com as duas professoras, através de e-mail, e também um questionário feito com os alunos, realizado na última visita à escola, além de rodas de conversa com professoras e alunos, e também por meio do blog e da atividade 1.

No questionário das professoras, o principal intuito era saber a percepção das docentes, considerando as atividades realizadas no laboratório de informática, quanto às atividades propostas, o envolvimento dos alunos, a presença das novas tecnologias no ensino e aprendizagem de inglês, as maiores dificuldades por elas observadas durante a realização das propostas, a opinião delas sobre a importância das TICs na formação dos professores, a avaliação delas quanto ao uso que fazem das TICs na sala de aula, e impressões negativas ou positivas (questionário na íntegra no capítulo 5).

Quanto aos alunos, no dia 17/10/2012, foi feita a última visita na escola e cada aluno recebeu uma folha de sulfite com oito perguntas que objetivavam captar as impressões deles quanto às atividades realizadas, sua percepção sobre a importância de se aprender inglês, quais atividades eles mais gostaram, se aprender inglês com aulas na informática foi mais ou menos interessante, se eles acreditam que a tecnologia contribuiu para sua aprendizagem de língua inglesa ou não, além de críticas e sugestões quanto às atividades (vide anexo 1).

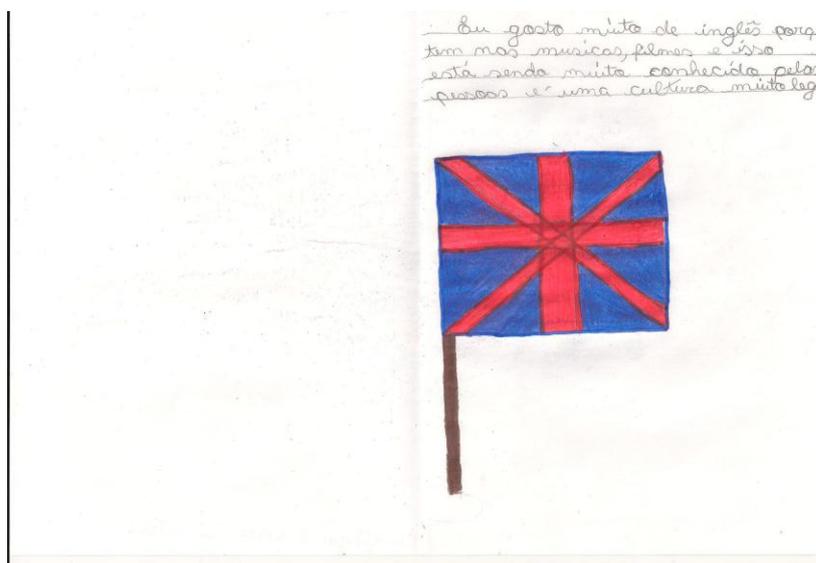
O *blog* da professora também permitiu visualizar alguns discursos, pois os alunos da professora Giselle registraram seus comentários críticos sobre a atividade 2.

Além disso, houve conversas informais com as professoras e alunos, e também rodas de conversa, que eram registradas no caderno de campo, no mesmo momento, por meio de palavras-chave. No contexto das conversas informais, Rochetti (2012), em sua dissertação de mestrado, remete-se à expressão "conversa", utilizada por Sarmiento (1999, p.162 e 2003), dizendo que se trata de uma "conversa" que flui numa relação amistosa, não dominada pelo cálculo, a frieza racionalizadora ou a distância.

2.1.3. Atividades e Intervenções

No primeiro dia de pesquisa na escola (07/08/2012) ocorreu a atividade 1. Nesse dia, ficou-se somente na sala de aula. Primeiramente, houve uma conversa informal com as crianças, e discutiram-se assuntos sobre o interesse em aprender a língua inglesa e porque, qual o contato que tinham com esse idioma e se conheciam filmes/cantores que falavam essa língua. Conversou-se também sobre a importância desse idioma no mundo globalizado que vivemos. Após essa conversa, em ambas as salas, foi pedido para que cada criança dividisse uma folha de sulfite em branco ao meio e que, de um lado, escrevessem sobre o que a língua inglesa significava para elas. Do outro lado, os estudantes tinham que desenhar algo que representasse o Inglês para eles (vide anexo 2).

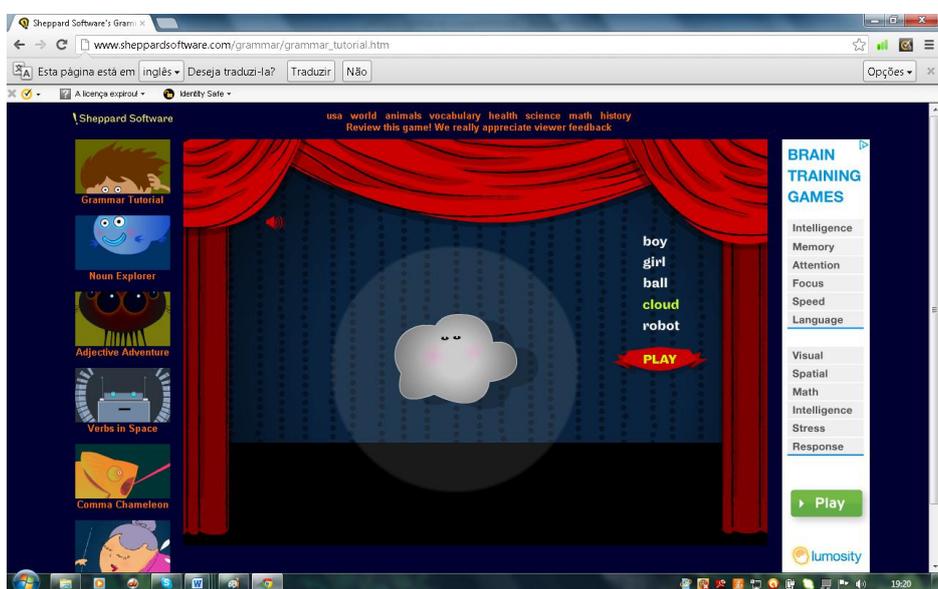
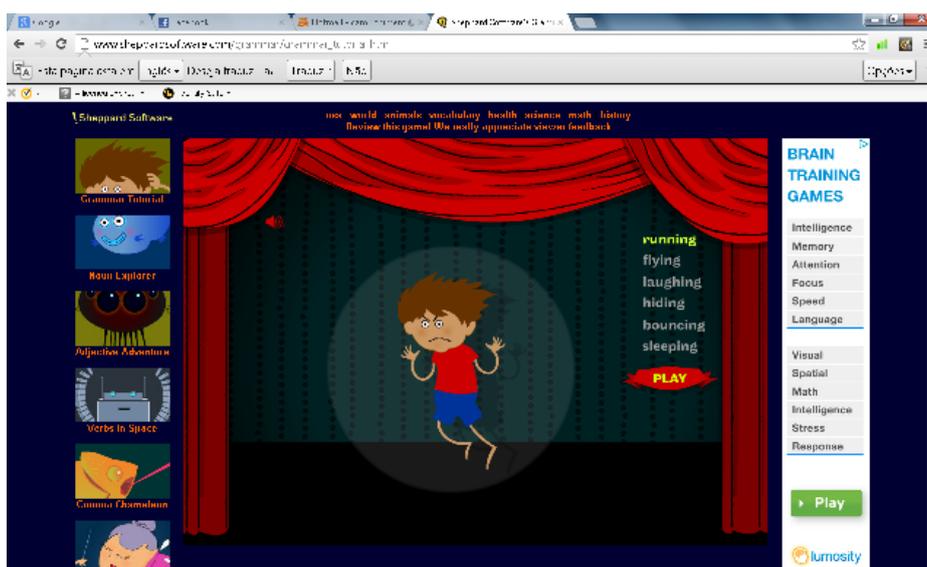
Imagem de um dos trabalhos da atividade 1, em que os alunos tinham que escrever o que achavam de aprender inglês e desenhar algo que representasse o idioma para eles:



Na semana seguinte (14/08/2012), foi realizada a atividade 2. A atividade foi feita apenas com a classe da professora Giselle, que levou os alunos para a sala de informática e permitiu que se utilizasse o Datashow. Mostrou-se para as crianças um vídeo do *Youtube* chamado “Pé na Rua: O Inglês nosso de cada dia”, um programa exibido pela TV Cultura em 25/05/2009, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Ab0csf15Bks>>. Nesse programa, dois jovens entrevistam pessoas na Av. Paulista, em São Paulo, de uma forma descontraída e divertida, fazendo com que elas percebam que já sabem muito mais inglês do que imaginam, pois esse idioma já está presente no dia-dia dos brasileiros. Durante o vídeo, muitas palavras em inglês surgem na tela. Após a exibição, perguntou-se para as crianças as palavras em inglês que elas viram e se haviam aprendido algo novo. Depois, trabalhou-se com eles um jogo, disponível em <http://www.sheppardsoftware.com/grammar/grammar_tutorial.htm>, que propõe apresentar a gramática da língua inglesa (substantivos, adjetivos e verbos) de uma forma mais divertida.

Nesse jogo, a criança deve escolher dentre adjetivos, substantivos e verbos para compor um personagem, que realiza uma ação. Conforme ela escolhe o substantivo, o adjetivo e o verbo, o personagem age de acordo com o substantivo, adjetivo e verbo que ela escolheu. Por exemplo, se a criança escolhe como substantivo “boy”, adjetivo “angry” e verbo “running”, aparece na tela um garoto, com uma expressão brava, correndo. Portanto, a criança associa as palavras que escolheu à imagem que visualiza instantaneamente. O recurso também possui sons, imagens se movimentando e música. As instruções estão em inglês, e foi preciso traduzir para as crianças.

Imagens do jogo sobre substantivos, verbos e adjetivos em inglês:



Por fim, pediu-se para que as crianças comentassem no *blog* o que elas acharam dessa atividade, porém, a professora pediu para que eles pudessem comentar em outro momento, pois já era hora do intervalo.

Infelizmente, não foi possível realizar a atividade 2 com os alunos do quinto ano B nesse dia, pois a conexão Wi-Fi da escola não funcionou e não havia arquivos baixados previamente (necessários para a realização da atividade).

Em outra quarta feira (18/09/2012), aconteceu a atividade 3. A proposta dessa atividade era falar sobre os diferentes sotaques da língua inglesa, para que as crianças pudessem perceber que, assim como o português, o inglês também tem várias pronúncias, influência das culturas e espaços onde essa

língua é falada. Para isso, foram exibidos outros dois vídeos do *Youtube*. O primeiro, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=017NNOYowuA>>, explica a origem da diversidade dos sotaques da língua inglesa, e foi realizado pela escola de inglês UPTIME. Foram exibidas somente as partes relevantes para as atividades, excluindo as partes com fins comerciais. O segundo vídeo, chamado “British Vs American Accent”, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Ua7nyAaf3pE>> mostra dois adolescentes (uma garota britânica e um garoto americano), falando as mesmas palavras em inglês com seus respectivos sotaques. O resultado é engraçado e ambos se divertem com o sotaque um do outro.

Após a atividade sobre os sotaques, conversou-se com as crianças sobre dois feriados típicos nas culturas de alguns países que tem o inglês como língua oficial. Um deles é o Saint Patrick’s Day (Dia de São Patrício), feriado de origem irlandesa e celebrado no dia 17 de março em vários países, como Irlanda, Inglaterra, Estados Unidos, entre outros. Mostrou-se para as crianças a história e alguns símbolos do feriado, no site disponível em <http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/cultura/holiday_saint_patrick.php> e exibiu-se um vídeo que fala sobre a celebração, mostra as pessoas usando fantasias, ouvindo músicas típicas da Irlanda, para que as crianças pudessem vivenciar um pouco dessa data comemorativa, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=uqqehfbqFPs>>.

Posteriormente falou-se sobre outra data comemorativa, celebrada em alguns lugares do Brasil por causa da influência norte americana, o Halloween, conhecido no Brasil como “Dia das Bruxas”. Através do artigo disponível em <<http://wilstar.com/holidays/hallowm.htm>> foi mostrada a história da celebração, e comentado sobre os símbolos que marcam a data, como a abóbora e a bruxa. O artigo estava em inglês e, enquanto comentava-se o conteúdo desse artigo em português, para que as crianças pudessem entender a história, explicava-se as palavras chaves do artigo em inglês, como pumpkin (abóbora), bat (morcego), witch (bruxa), owl (coruja), holiday (feriado), para que os alunos pudessem aprender um pouco de vocabulário da língua inglesa contido no tema.

Nesse dia, após realização da atividade 3, foi feita a atividade 2 com a sala da professora Valéria, o quinto ano B, que não havia sido realizada anteriormente.

Na visita seguinte (25/09/2012), foi realizada a atividade 4 com um aplicativo baixado do Banco Internacional de Objetos Educacionais (BIOE), do portal do MEC, chamado English is Fun, e que foi produzido e editado pela Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação de Portugal. O recurso apresenta animação para o ensino da língua inglesa e o idioma inglês é apresentado através de atividades do cotidiano e através de exemplos lúdicos. Todas as instruções em inglês possuem, também, versão em português de Portugal. Disponível em <<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/handle/mec/10773>>.

O programa têm vários tutoriais, como música, games, vocabulário e histórias em inglês. Se clicar nos passarinhos, tem-se acesso às músicas, clicando na colmeia, acessa-se o vocabulário, se clicar na casinha de palha, terá as histórias em inglês, e clicando na roda gigante, poderá jogar os games. A abelhinha, que se chama “Lady Bee” explica tudo em inglês, e depois a joaninha, chamada “Lady Bug” traduz tudo para o português de Portugal. Durante os games, todas as crianças iam até o computador, que estava ligado no Datashow, manusear o jogo e interagir com a atividade.

Imagem do aplicativo English is Fun, que foi produzido pelo Ministério da Educação de Portugal:



Depois, foi mostrado um vídeo de música do Youtube do artista americano Michael Jackson, com a música “Black or White”, que fala sobre a diversidade cultural e étnica, assunto relacionado à aprendizagem de línguas, com legenda em português. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=F2AitTPI5U0>>.

No último dia, 17/10/2012, foi feito um questionário com os alunos, como já foi descrito no item dos discursos.

O procedimento para a organização e análise dos dados coletados nessa pesquisa foi a construção de núcleos de significação, e os meios para a construção desses núcleos incluíam: leitura e releitura dos materiais produzidos pelos alunos, especialmente aqueles da atividade 1 e do questionário, para posteriormente realizar procedimentos de análise desse material qualitativo, visando apreender os sentidos que constituem o conteúdo do discurso dos sujeitos informantes através dos núcleos de significação, que é um instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. (AGUIAR & OZELLA, 2006)

De acordo com Aguiar & Ozella (2006), a apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente, absolutamente definida, completa, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que

nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele.

Antes de construir os núcleos de significação, é importante organizar os pré- indicadores e indicadores da pesquisa. Para isso, são realizadas leituras “flutuantes” dos trabalhos e questionários das crianças. Essas leituras permitem destacar e organizar o que são os pré- indicadores para a construção dos núcleos de significação. Com essa leitura, irão emergir temas diversos, caracterizados por maior frequência (pela sua repetição ou reiteração), pela importância enfatizada nas falas dos informantes, pelas contradições, etc. Geralmente, os pré- indicadores são em grande número e irão compor um quadro amplo de possibilidades para a organização dos núcleos de significação. De acordo com Aguiar & Ozella (2006), “Um critério básico para filtrar esses pré- indicadores é verificar sua importância para a compreensão do objetivo da investigação.”.

Uma segunda leitura permitirá um processo de aglutinação dos pré- indicadores, seja pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição, de modo que levem a uma menor diversidade, formando os indicadores. (AGUIAR & OZELLA, 2006).

Como afirmam Aguiar & Ozella (2006), a construção dos núcleos de significação ocorre através da releitura do material, considerando o conjunto dos indicadores e seus conteúdos. Depois ocorre o processo de articulação que resultará na organização dos núcleos de significação através de sua nomeação. No processo de organização dos núcleos de significação – que tem como critério a articulação de conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios –, é possível verificar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e dos significados pelas crianças, o que permite uma análise que possibilita ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas. Espera-se no final um número reduzido de núcleos. Segundo os autores, “os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas.” (AGUIAR & OZELLA, 2006, pg. 231).

Ainda de acordo com Aguiar e Ozella (2006, pg. 231) “a análise dos núcleos deve explicitar semelhanças e contradições que vão revelar o movimento do sujeito”. Tais contradições não estão apenas manifestas na aparência do discurso, mas são apreendidas a partir da análise do pesquisador. O processo de análise não deve ser restrito à fala do informante, deve ser considerado seu contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade.

O mesmo procedimento também foi feito para analisar os questionários das duas docentes.

Além da coleta de dados via questionários e atividade, várias observações foram descritas no caderno de campo, e contribuíram para o procedimento de construção dos núcleos de significação.

5. Descrição dos Resultados/ Análise dos Resultados

No primeiro dia da pesquisa na EMEF, as professoras - das duas salas de quinto ano, na qual a pesquisa foi realizada - foram muito receptivas e se mostraram interessadas e abertas para o desenvolvimento do trabalho. A pesquisa ocorreu primeiramente com a turma da professora Giselle, que logo apresentou os alunos, mostrou o *blog* e contou para as crianças que elas teriam aulas de inglês na sala de informática. Quando ela disse isso, todos os alunos se empolgaram e começaram a contar suas experiências com a língua inglesa, antes mesmo que fosse perguntado. Nesse dia, conversou-se com as crianças de maneira informal. Enfatizou-se a importância desse idioma no mundo globalizado que vivemos e foram citadas as olimpíadas, que estavam acontecendo em Londres (Inglaterra). O resultado foi surpreendente.

Uma das alunas contou que seu pai morou na Inglaterra por vários anos e que ele a ensinava inglês em casa. A menina tinha um conhecimento incrível não apenas da língua inglesa, mas também da cultura britânica, das diferenças no sotaque com relação aos EUA, etc. Enquanto se falava sobre os países em que se fala inglês e citou-se o Canadá, uma das meninas disse que o Canadá não tinha como língua oficial apenas o inglês, mas também o francês e era um país “bilíngue”. Em meio a esse “bate-papo”, as crianças se soltaram e começaram a falar sobre videogames em inglês, seriados, programas de TV, filmes e cantores que gostavam. Discutiu-se também sobre os diferentes sotaques da língua. Outra garota contou que sua cantora favorita era a Katy Perry e que adoraria entender as letras de suas músicas.

Na outra sala de quinto ano, da professora Valéria, as crianças perguntavam incessantemente o significado de palavras em inglês que viam no dia-dia, principalmente nos videogames, nas estampas das roupas que vestiam, nas propagandas, etc. Um dos garotos perguntou o que significava “Blade”, outro perguntou o significado de “Resident Evil” e outro garoto falou que sabia jogar baseball. A professora comentou que lamentava o fato de as crianças dessa idade ainda não terem aulas de inglês na escola, pois estavam empolgadíssimas para aprender e muito curiosas para descobrir o significado das palavras desse idioma.

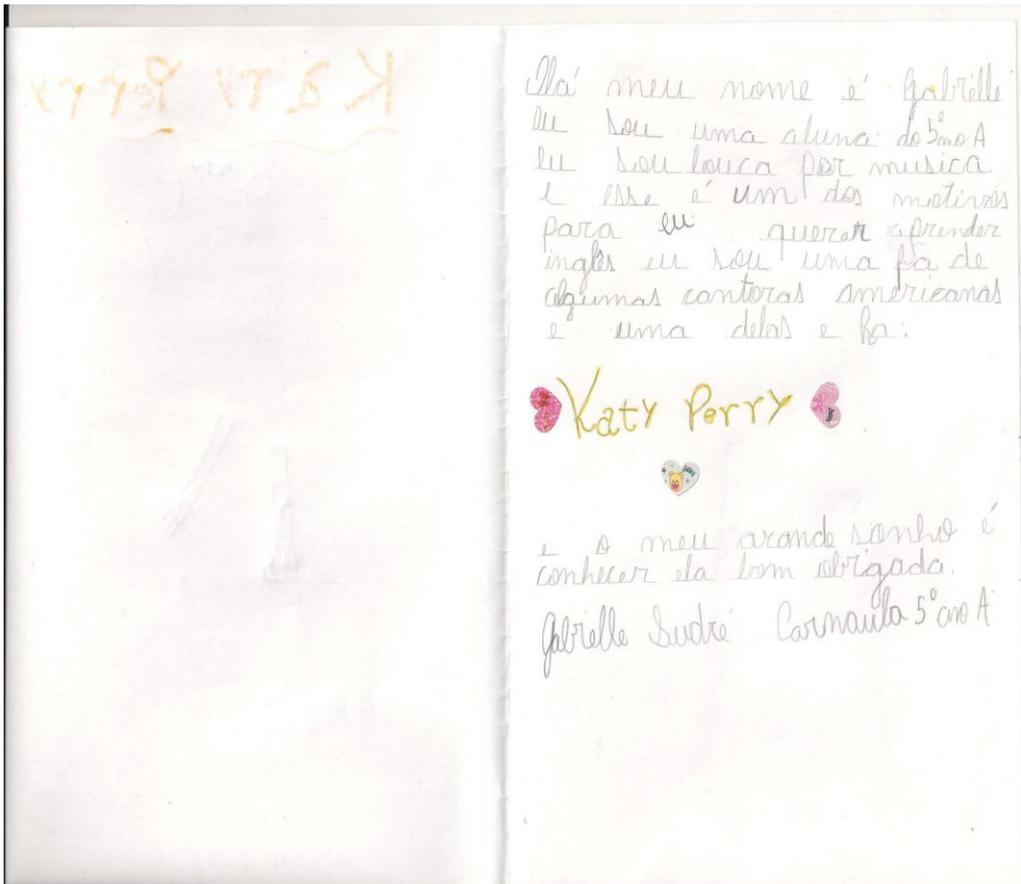
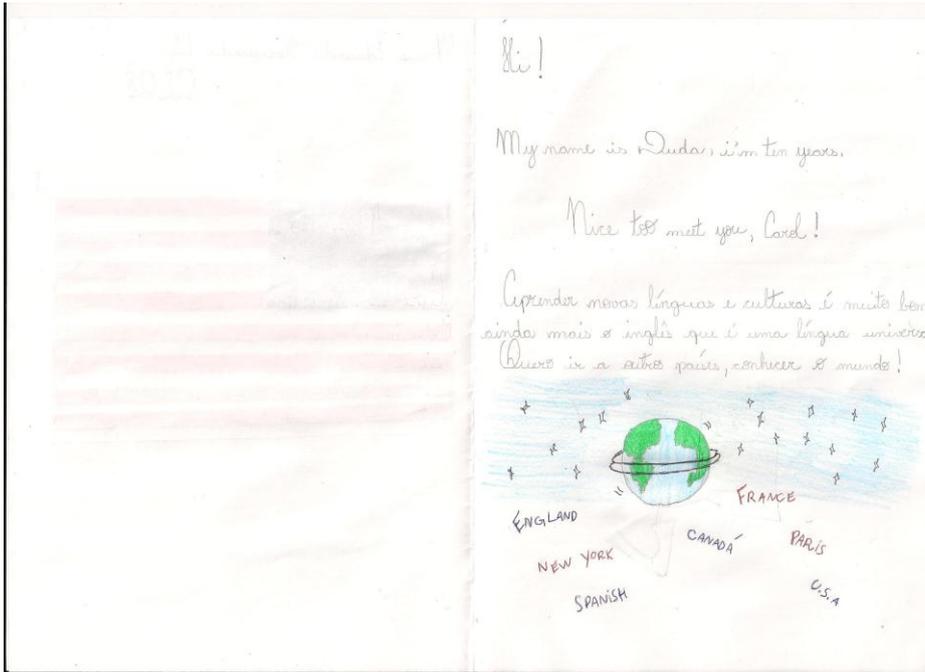
Essa breve conversa com as crianças confirmou a enorme influência da língua inglesa na cultura brasileira, o que já havia sido discutido no segundo

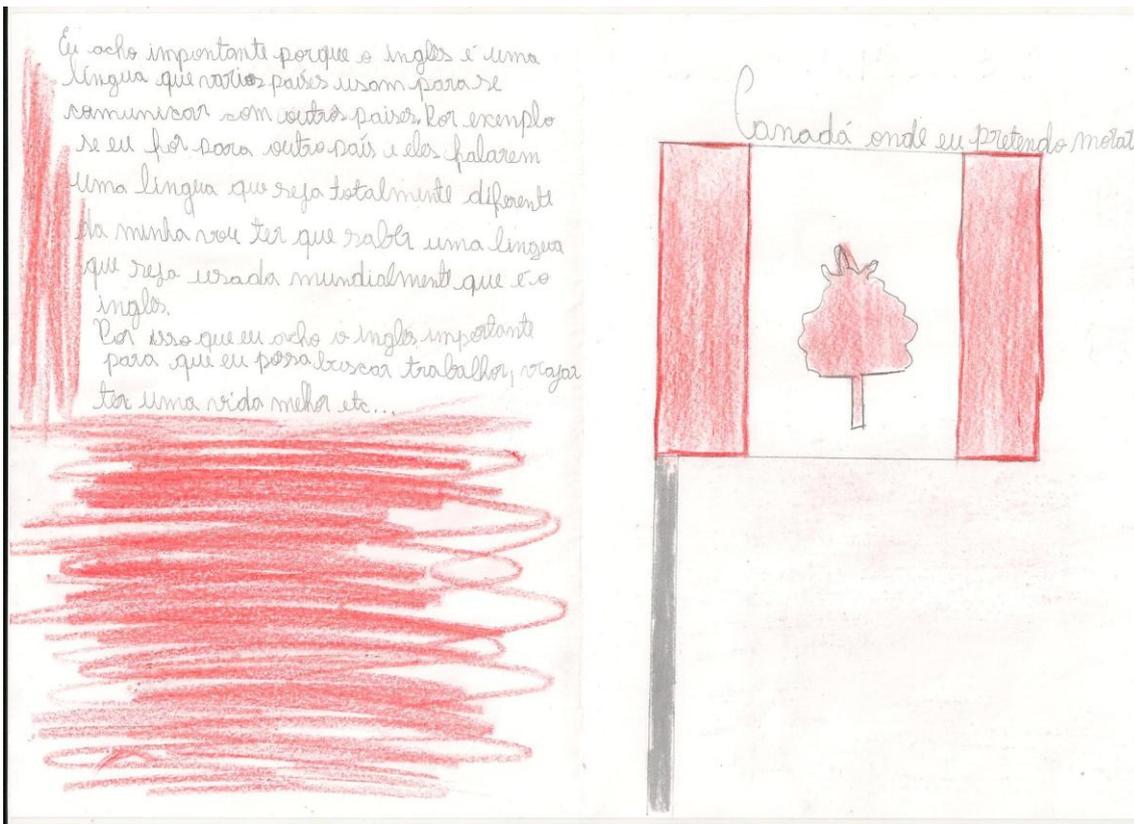
capítulo deste trabalho, quando se falou sobre o papel do inglês como língua internacional (ROCHA, 2008) e com grande influência nas relações econômicas mundiais, bem como na cultura popular de muitos países. (PCN-LE, 1998)

Após essa conversa, pediu-se para que as crianças fizessem a atividade 1, já descrita no capítulo 4, em ambas as salas do quinto ano.

Analisando as expressões das 55 crianças (exemplos no anexo 2) e criando *núcleos de significação*, que são instrumentos para a apreensão da constituição dos sentidos (AGUIAR & OZELLA, 2006), como apontado no capítulo 4, percebeu-se que algumas palavras/frases eram mais frequentes nos trabalhos das crianças, como: “vontade de conhecer outros países”, “chave para o futuro”, “videogames”. Dentre os 55, apenas dois alunos relataram “medo” ou “falta de vontade” em aprender língua inglesa, caracterizando-a como “estranha”, “parecida com japonês”. Outras cinco alunas escreveram palavras/ frases em inglês, como “Hello”, “Bye”, “My name is...”, “How are you?”. Além disso, as crianças citaram vontade de conhecer seus ídolos e necessidade de entender as frases dos videogames e das músicas que apreciavam. A maioria dos alunos representou a língua inglesa com bandeiras dos países que têm esse idioma como língua oficial, ou com o símbolo das olimpíadas; outros desenharam algum cantor/cantora favorito e muitos desenharam a bandeira do Canadá, pois uma aluna tinha um estojo com o símbolo dessa bandeira e mostrou para os colegas. Cinco alunos não desenharam nada.

Neste sentido, seguem algumas imagens que representam tais aspectos apontados:





A seguir, podemos também observar frases, tal como redigidas pelos alunos (na íntegra). O aluno X*⁹ escreveu o seguinte: “Inglês é estranho, porque parece que está falando JAPONEIS”.

Já o Y* disse: “O inglês para mim é uma porta para um novo mundo”.

O W* relatou: “Eu gostaria muito aprender inglês, pois é uma língua universal que se usa em outros países ou até mesmo no Brasil, na internet, em alguns jogos também. O inglês estará presente na vida de todas as pessoas”.

A S* escreveu: “Eu quero aprender e desfrutar varias coisas do inglês eu vou falar uma frase em inglês que é assim: “My name is (...), Her name is Carol, His name is Gustavo What’s your name? Então é só isso. O Inglês é a chave do meu futuro”.

A L* - que contou que o pai morou muitos anos na Inglaterra e ensina Inglês para ela - disse: “My name is L, I’am tem years. Nice too meet you, Carol! Aprender novas línguas e culturas é muito bom, ainda mais o inglês que é uma língua universal. Quero ir a outros países, conhecer o mundo!”

⁹ *Os nomes foram modificados para preservar a identidade dos alunos

A partir desses dados foram criadas quatro categorias de análise, apontadas a seguir:

- Frequência dos desenhos: dentre os 55 trabalhos, 16 crianças desenharam a bandeira da Inglaterra, 7 desenharam a bandeira do Canadá, 6 desenharam a bandeira dos EUA, 3 desenharam o símbolo das olimpíadas, 1 desenhou a cantora que gostava, 5 não desenharam nada.

- Frequência dos termos: Os termos que se repetiram mais de uma vez nos trabalhos foram o idioma inglês como “chave para o futuro”, “vontade de viajar pelo mundo”, “vontade de conhecer meus ídolos”, “vontade de entender as letras das músicas”.

- Afetividade com a língua inglesa – “positiva” ou “negativa”: Apenas dois alunos relataram não sentir vontade de aprender a língua inglesa, pois a consideraram estranha e difícil. Todas as outras crianças demonstraram afetividade “positiva” com esse idioma.

De acordo com Leite (2011), o aprendizado se dá por meio do contato entre o sujeito (aluno) e o objeto (conteúdo). Essa relação é de natureza afetiva e depende diretamente da qualidade da história da mediação vivenciada pelo sujeito em relação ao objeto. A afetividade no âmbito escolar, explicou o autor, tanto pode ser positiva quanto negativa. A mediação, no caso, pode ser exercida tanto pelos pais quanto pelos professores. A importância de se entender o conceito de afetividade é fundamental, pois quando os professores e alunos contribuem para uma relação afetiva positiva, isso implica em uma experiência de aprendizagem favorável.

- Conhecimento prévio do idioma (se os alunos escreveram palavras ou frases em inglês ou se mencionaram já fazer aulas de inglês em outra escola): 2 alunos escreveram frases em inglês, 13 crianças mencionaram palavras soltas em inglês no meio do texto em português, as restantes escreveram somente em português. 2 crianças relataram que já fazem aulas de inglês fora da escola.

Essa atividade permitiu conhecer um pouco do contexto social das crianças dessa escola e suas vivências com a língua inglesa fora da sala de aula e, a partir dessas produções; definiu-se como seriam realizadas as próximas atividades, a partir desse primeiro encontro. Desse modo, é importante destacar, como afirma Figueira (2008, pg. 55), a importância da

contextualização do ensino. Segundo a autora “o fator mais importante nas aulas de inglês é que qualquer tarefa seja contextualizada, ou seja, esteja dentro de uma situação significativa para o aluno”.

Na segunda visita, a atividade 2 foi proposta à classe da professora Giselle, que levou os alunos para a sala de informática, onde se utilizou o Datashow. Cumpre destacar que em nenhuma das atividades os computadores dos alunos foram aproveitados, porque os UCAs não abriam os softwares que iriam ser utilizados, ou porque o programa baixado era muito pesado e poderia danificar o computador dos alunos, além disso, a velocidade da internet na sala de aula era mais lenta e isso poderia atrapalhar o tempo permitido para realização das atividades.

Mostrou-se para as crianças o vídeo do *Youtube*, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Ab0csfI5Bks>>, que foi descrito no capítulo 4. O vídeo tinha algumas partes engraçadas e, tanto as crianças, como a professora, deram muita risada. Após a exibição, perguntou-se para as crianças as palavras em inglês que elas viram no vídeo e se elas haviam aprendido algo novo. Euforicamente, falaram as palavras de que se lembravam, como “Hello”, “Nice”, “Bye-Bye”, “Mouse”, “Rock”, entre outras.

Depois, trabalhou-se com os alunos um jogo, disponível em <http://www.sheppardsoftware.com/grammar/grammar_tutorial.htm>, também descrito no capítulo 4.

Antes de pedir para que eles jogassem, falou-se um pouco sobre algumas palavras desconhecidas presentes naquele contexto virtual, como “cloud” e “sparklig”. Duas alunas demonstraram ter um conhecimento muito avançado na língua inglesa, pois conheciam até o vocabulário mais difícil (uma era a filha de um ex-morador de Londres, como citado, e que dava aulas para ela em casa, e a outra fazia aulas de inglês em uma escola particular próxima ao bairro, já há um ano, conforme relatou). Vale ressaltar que algumas crianças - menos da metade da sala - comentaram que frequentavam escolas particulares de inglês, ou que o irmão mais velho já frequentava.

Durante esse jogo, os alunos disputavam para ir até o computador conectado no Datashow, manusear o software e ficavam muito impressionados quando viam a imagem se movimentando, quando clicavam na palavra em inglês. Precisou-se definir que somente quem levantasse a mão, com calma,

poderia ir até o computador. Durante as atividades lúdicas, sempre houve grande envolvimento das crianças no processo interacional.

Como já destacado no capítulo 2, os jogos produzem interações significativas por meio de trocas de conhecimento linguístico e da criação de um clima de desafio e espontaneidade entre as crianças, além disso, proporcionam um ambiente natural e adequado à aprendizagem. Segundo Piaget (1978 apud FIGUEIRA, 2008), os jogos para as crianças entre 7 e 11 anos (período operatório concreto) é mais coletivo e as crianças exigem cooperação e esforço, além disso, há a necessidade de que esses jogos sejam regulados por regras bem definidas. Assim sendo, não é o jogo, por si, que permitirá o desenvolvimento e a aprendizagem, mas a ação de jogar, ação que depende da compreensão de regras e da criação de meios eficazes para alcançar os objetivos propostos por esse jogo. Ou seja, quando a criança se confronta com a situação-problema gerada pelo jogo e tenta resolvê-la com o fim de alcançar seu objetivo, ela cria procedimentos e organiza os resultados obtidos, o que permite seu desenvolvimento. (FIGUEIRA, 2008).

Por fim, pediu-se para que os alunos comentassem no blog o que acharam dessa atividade e a professora pediu para que eles pudessem participar em outro momento.

Depois de alguns dias, a professora Giselle disse que os alunos já haviam comentado a experiência no blog (disponível em <http://giselealunos.blogspot.com.br/2012/08/pe-na-rua-o-ingles-nosso-de-cada.html#comment-form>.), como pode ser observado abaixo:

1.

Anônimo [15 de agosto de 2012 05:59](#)

Gustavo dos Santos Nogueira.

Com as duas aulas que tivemos até agora foi maravilhosas. Hoje assistimos um vídeo na sala de informática que nos explicava que o inglês está presente em nossas vidas, mesmo sem saber inglês.. Por exemplo: Fast Food e várias outras palavras. A proposta de hoje, iria ser jogar um jogo em inglês com substantivos, adjetivos e verbos. Eu gosto muito de inglês, e queria aprender um pouco mais.

2.

Danilo

Bueno

Machado

Achei o video muito interessante, aprendi novas palavras em ingles e como ele esta presente em nossa vida

3.

Anônimo [15 de agosto de 2012 06:07](#)

Adorei descobrir e aprendi e amei obrigado professora Carol adoro suas aulas obrigada :)

de:Gabrielle Sudre Carnauba

4.

Duda Fernandes [15 de agosto de 2012 06:12](#)

Hoje nós tivemos aula de inglês com nossa professora, a Carol, assistimos o vídeo acima e eu vi que tem tantas palavras em inglês que falamos em nosso dia-a-dia que nem se damos conta, vimos novas palavras, eu gostei muito ou como posso dizer "nice"!!!!

Maria Eduarda- 5 ano A

5.

Anônimo [22 de agosto de 2012 03:34](#)

Eu achei muito legal essa aula a professora Carol ela é muito inteligente e eu achei maravilhoso e eu já estou fazendo aula de inglês.

Leonardo I. F. Cunha

Observando os comentários, constatou-se que em geral os alunos gostaram muito do vídeo e do jogo e mostraram-se satisfeitos com as atividades apresentadas naquele dia, colocando elogios nos comentários do blog. Uma das alunas até utilizou a palavra “nice”, que aparecia no vídeo, para dizer o que achou da atividade. Muitas crianças concordaram que já tinham muitas palavras em inglês incorporadas em seu vocabulário e que as usavam sem saber que era inglês, como por exemplo, a palavra “mouse”. Várias crianças também afirmaram terem aprendido novas palavras. A todo o

momento, as crianças perguntavam se haveria outra aula de inglês na semana seguinte.

A respeito do uso do blog na sala de aula, Marinho (2007, pg. 3 apud LINS, 2011) diz que os blogs são espaços colaborativos de produção e não de conteúdos estáticos, e, portanto, podem ser muito utilizados na escola.

Como afirma Lins (2011) os edublogs permitem a publicação de ideias em tempo real e permitem a interação com qualquer pessoa do mundo que esteja conectada, além disso:

Sua principal característica são os textos que podem ser lidos e comentados, abrangendo muitos assuntos: diários, notícias, poesias, músicas, fotografias, enfim, tudo que a imaginação do autor desejar, desde que dentro de um contexto educacional ou pedagógico. (LINS, 2011, pg. 37)

No caso da atividade 2, o assunto comentado era a aula de inglês, além do vídeo que as crianças assistiram, “Pé na Rua”, que foi postado no blog, e o jogo - sobre substantivos, verbos e adjetivos em inglês - que teve o link colocado no blog pela professora. Através dos comentários no blog, os alunos publicaram, com suas próprias palavras, seus pensamentos e opiniões sobre o assunto.

Infelizmente, não foi possível realizar a atividade 2 com a sala do quinto ano B, da professora Valéria, pois nesse dia a rede Wi-Fi da escola não estava funcionando, como já foi mencionado no capítulo 4. O técnico em informática da escola tentou várias vezes conectar e reconectar a internet, porém ela funcionava por apenas alguns minutos e “caia” novamente. As crianças ficaram muito tristes, pois a professora já as tinha levado para a sala de informática e elas estavam muito ansiosas pela atividade. Tanto o vídeo como o software do jogo não haviam sido baixados previamente e era preciso utilizar a internet.

Na visita seguinte, a atividade 3 gerou bastante expectativa nos alunos. Eles estavam curiosos para saber o que veriam naquele dia. A atividade 3 também aconteceu na sala de informática e foram exibidos dois vídeos¹⁰ sobre sotaques, descritos no capítulo 4. A aluna já citada, cujo pai morou em Londres, trouxe o seu caderno de inglês para mostrar para os amigos, professores e a pesquisadora. O caderno tinha várias atividades e redações

¹⁰ Vídeos sobre sotaques em inglês. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=017NNOYowuA>>e<<http://www.youtube.com/watch?v=Ua7nyAaf3pE>>

em inglês e a garota falou que amava estudar inglês e que, com certeza, essa será sua matéria favorita na escola.

A respeito da atividade, as crianças acharam engraçadas as diferenças de sotaques explicitadas no vídeo e uma das garotas, que é muito fã dos livros do Harry Potter, logo falou que o sotaque dos personagens da história era “britânico” e que o sotaque britânico é muito diferente do sotaque americano. Várias crianças já sabiam sobre as diferenças existentes entre o sotaque americano e britânico, o que mostrou que os alunos já haviam percebido essa diferença através dos filmes e programas de TV que assistiam em casa, e revelou que além da influência da cultura norte-americana, também há a influência da cultura britânica na vida dessas crianças, principalmente na parte de entretenimento, pois há vários filmes infantis produzidos na Inglaterra.

Dentre os filmes que as crianças conheciam estavam *As Crônicas de Nárnia*, da Disney, baseada na obra de C.S. Lewis, *McPhee — A Babá Encantada*, do diretor Kirk Jones, a série de filmes *Harry Potter*, baseados nas obras da escritora britânica J. K. Rowling, entre outros.

Depois dos vídeos sobre sotaques, foi falado sobre os feriados típicos de alguns países que usam o inglês, como o St. Patrick’s Day, disponível em <http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/cultura/holiday_saint_patrick.php> e o Halloween, disponível em <<http://wilstar.com/holidays/hallown.htm>>, já descritos no capítulo 4. O Halloween, assim como o St. Patrick’s Day tem origem celta e começou na Irlanda. Enquanto se falava de St. Patrick’s Day e mostrou-se um vídeo que exibe algumas imagens da celebração, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=uqgehfqFPs>>, as crianças ficaram impressionadas com o costume das culturas norte-americana e irlandesa, como tingir o rio de verde durante a comemoração do feriado, além de terem gostado de ver as fantasias peculiares usadas pelas pessoas.

Um dos alunos falou que ficou com vontade de viajar para esses países só para poder participar de perto dessa festa. Diferente da festa de Halloween, nenhuma criança já tinha ouvido falar sobre o St. Patrick’s Day e disseram que acharam muito divertido aprender sobre um novo feriado.

Ao falar sobre o Halloween, quando se estava conversando sobre as tradições dessa celebração, algumas crianças contaram que costumam sair pelo bairro batendo nas portas das casas e pedindo “Doces ou Travessuras”.

Outra garota contou que gosta de se fantasiar nessa data. Uma menina falou que a escola de inglês onde estuda costuma ficar toda decorada com morcegos, abóboras e bruxas durante a semana do Halloween. Esses relatos mostraram que algumas crianças brasileiras já celebram e conhecem as tradições do Halloween.

Ao falar com os alunos sobre os diferentes sotaques da língua inglesa (o que se associa à diversidade linguística e cultural das diversas regiões e países) e sobre os feriados típicos de alguns países, trabalhou-se com as crianças a interculturalidade. Nessa perspectiva, Rocha (2008) ressalta a importância do desenvolvimento da competência intercultural do aprendiz no ensino de línguas, na medida em que se acredita que a interculturalidade ou a multiculturalidade é um aspecto propulsor do crescimento linguístico, intelectual, físico, emocional, social e cultural do aprendiz. Byram & Doyé (1999 apud ROCHA, 2008, pg.19) definem o conceito de competência intercultural como “uma combinação de habilidades, atitudes e conhecimento” frente à aprendizagem da língua-alvo que, sob um enfoque crítico, vincula-se ao conhecimento de diversidades culturais e da heterogeneidade, como também ao desenvolvimento da consciência metacognitiva nos níveis linguísticos, social e cultural.

Cox & Assis-Peterson (2007 apud ROCHA, 2008) definem a cultura como “um conjunto colidente e conflituoso de práticas simbólicas ligadas a processos de formação e transformação de grupos sociais”. De acordo com Rocha (2008), a aula de língua estrangeira deve ser cenário para “embates culturais”, ou seja, deve promover condições para que a pluralidade linguística e a multiplicidade de ideias e valores possam ser abordados de forma crítica na sala de aula, auxiliando a criança a construir caminhos que a ajudem a ampliar o conhecimento de si própria e da sociedade em que vive, a compreender melhor os contextos que a cercam, fortalecendo uma visão crítica das diferenças e integrando-a no mundo plurilíngue e pluricultural em que vivemos.

Portanto, Serrani (2005 apud ROCHA, 2008, pg. 20) assevera que o ensino-aprendizagem de língua estrangeira para crianças deve tomar como base “a heterogeneidade social, linguística ou subjetiva, inerente a todo fenômeno verbal”.

Na classe da professora Valéria foi feita, nesse mesmo dia, a atividade 2, antes da atividade 3. As reações das crianças foram semelhantes à dos alunos do quinto ano A. Gostaram muito do vídeo “Pé na Rua”, aprenderam novas palavras e descobriram sobre palavras que já usavam no dia-dia, sem perceber que eram palavras em inglês, muitas delas, ligadas ao uso do computador e da internet, como “mouse”, “videogame”, “hardware”. Também adoraram o jogo e a professora pediu para que se disponibilizasse o link de acesso ao jogo para as crianças poderem brincar e aprender em casa.

Na outra semana, a atividade 5 foi feita com um objeto de aprendizagem (OA) baixado do BIOE, descrito também no capítulo 4 e disponível em <<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/handle/mec/10773>>. As crianças adoraram a atividade, pois esse OA tinha vários recursos diferentes, como histórias em inglês (Três Porquinhos e Cachinhos Dourados), com legenda em português, diversos jogos, vocabulário em inglês e também um tutorial com músicas.

As crianças interagiram bastante com a atividade e eram elas que escolhiam as atividades que iriam ser trabalhadas, indo até o computador conectado no Datashow, manusear cada atividade. Primeiramente, trabalharam-se as músicas, depois o vocabulário, as histórias e os games.

Para acessar as músicas, tinha-se que clicar nos passarinhos e cada passarinho levava a uma música diferente (ver imagem abaixo). Mesmo sem saber as letras, as crianças tentavam cantar as músicas “Old Macdonald” (que fala sobre animais, “This is the way”, que fala sobre as horas do dia e rotina em inglês, e a “Twinkle, Twinkle little star”. Os alunos já conheciam as versões em português dessas músicas.



Depois, clicou-se na colmeia, que era o portal do aplicativo que levava até o vocabulário (ver imagem do capítulo 4). Cada criança da sala ia até o computador e escolhia o item que queria conhecer do vocabulário. Os itens que as crianças das duas salas escolheram foram “Means of transport”, “Numbers”, “Sports” e “The classroom”. Por exemplo, no item “The Classroom” (sala de aula) uma criança foi até o computador e clicou no objeto da sala de aula que gostaria de descobrir o significado em inglês. Quando ela clicou na lousa, a voz da abelhinha, *Lady Bee*, disse o significado da palavra em inglês: “BLACKBOARD”. Ao mesmo tempo, aparecia um balãozinho, saindo da boca da abelhinha com a palavra escrita, como mostra a imagem abaixo:



O mesmo acontecia quando as crianças clicavam na professora, nos livros, no caderno, na régua, na mochila, etc.

Depois da atividade com o vocabulário, as crianças ouviram as histórias, clicando na casinha de palha (ver imagem no capítulo 4). *Lady Bee* narrava a história em inglês, ao mesmo tempo em que aparecia uma legenda em inglês na parte superior da tela. Havia também a opção de clicar na bandeira de Portugal, do lado direito superior da tela, para transformar a legenda em português, enquanto a história continuava sendo narrada em inglês (ver imagem abaixo). As crianças relataram dificuldades para compreender essas histórias, mesmo com as imagens representativas do que estava sendo contado em inglês e com a tradução em português, pois, como disseram, os personagens falavam inglês muito rápido e a legenda em português também era rápida.

Imagem da história dos três porquinhos, com legenda em inglês:



Depois das histórias, foi o momento dos jogos (games), que eram acessados, clicando-se na roda gigante (ver imagem abaixo). As crianças escolhiam quais jogos gostariam de jogar. No jogo “Animals”, cada aluno tinha que arrastar o animal escolhido para a fazenda, se , fossem “domestic animals” (animais domésticos), ou para a floresta, se fossem “wild animals” (animais selvagens). Conforme cada criança ia até o computador e clicava no animal, a abelhinha (*Lady Bee*) falava o nome desses animais em inglês. Um dos alunos arrastou o elefante para a fazenda e, logo que clicou, *Lady Bee* disse “Elephant” (ver imagem abaixo). Uma das alunas, no mesmo momento, o corrigiu e disse que o elefante era um “wild animal” e, portanto deveria ficar na floresta. Como a atividade foi feita pelo Datashow, sempre que um aluno errava a atividade, imediatamente as outras crianças percebiam e o corrigiam.



Como já afirmado no segundo capítulo, os jogos permitem a interação com os colegas, de modo que os mais experientes possam auxiliar os menos experientes. “São frequentes as atitudes espontâneas dos alunos de corrigir a pronúncia ou mesmo de ensinar aos colegas o significado das palavras.” (FIGUEIRA, 2008, pg. 54). Esse tipo de ação nos remete ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, já discutido no capítulo 2, definido por Vygotsky

como aquilo que a criança realiza em colaboração com outros elementos de seu grupo social (nesse caso, as outras crianças ou as professoras).

As atividades propostas por esse objeto de aprendizagem oportunizaram práticas sociais de linguagem que estão próximas ao cotidiano das crianças, porque os jogos, as cantigas e as histórias são atividades socialmente organizadas e vivenciadas na infância, e assim, potentes propulsores da aprendizagem e do desenvolvimento do aprendiz. O ensino através de gêneros discursivos oferece condições adequadas para o uso propositado da linguagem e para o desenvolvimento da interculturalidade no ensino de língua estrangeira para crianças, pois as crianças se envolvem no mundo da imaginação criado pelos gêneros representativos de ações sociais de seu cotidiano e assim adquirem conhecimentos da língua estrangeira. (ROCHA, 2008)

Silva (1997 apud ROCHA, 2008) diz que ao se trabalhar com atividades socialmente significativas na infância, a criança tem a oportunidade de engajar-se em práticas sócio-educativas em língua estrangeira de forma mais natural, com mais entusiasmo, motivação, sem necessariamente ter consciência de que está se desenvolvendo linguística, (meta) cognitiva e culturalmente.

Neste íterim, na semana posterior, as crianças receberam um questionário, na sala de aula, para exporem suas opiniões a respeito das atividades realizadas.

O questionário tinha as seguintes perguntas:

- 1- Qual das atividades de Inglês trabalhadas na Informática (vídeos, exercícios, jogos, atividades) você mais gostou? Por quê?
- 2- Como é aprender inglês agora, pra você? Você pensava assim antes dessas aulas? Por quê?
- 3- Você acredita que utilizar a tecnologia da escola (computador, internet, sala de informática) ajudou a tornar a aula de Inglês mais divertida e interessante? Por quê?
- 4- As aulas contribuíram para que você aprendesse mais inglês?
- 5- Após as atividades, vídeos e discussões, por que você acha que é tão importante falar inglês hoje em dia?
- 6- O que você achou mais interessante ou curioso sobre aprender uma nova língua?
- 7- O que você não gostou nas aulas de Inglês?

8-O que poderia ser mudado nessas aulas para elas ficarem ainda mais legais?

A partir da análise das respostas das crianças nos questionários, percebeu-se que as atividades que as crianças mais gostaram foram: o aplicativo “English is Fun”, os jogos e o vídeo que mostra um americano e uma britânica falando com seus respectivos sotaques.

Na segunda questão, muitas crianças escreveram que pensavam que inglês era “chato” ou “muito difícil”, mas agora viram que é muito divertido e que é mais fácil do que imaginavam. Apenas uma menina, dentre as duas salas, disse que já fazia inglês e que as aulas não mudaram sua forma de pensar sobre estudar esse idioma. Uma aluna disse: *“Eu sempre achei o inglês fun and awesome, ele é um pouco diferente porque tem essas coisas do “I am or I’m”, mas eu gostei muito”*. O que mostra que muitas crianças desenvolveram uma relação afetiva positiva com o conteúdo estudado.

Sobre a tecnologia, todas as crianças afirmaram que a aula de inglês ficou “mais fácil e interessante”. Uma menina respondeu a terceira questão, da seguinte forma: *“sim, porque é muito mais rápido de entender como é o inglês e as palavras são pronunciadas”*. Nenhuma criança afirmou que não gostou de utilizar a tecnologia nas aulas de inglês, ou que as TICs não contribuíram para seu aprendizado. Portanto, de acordo com os relatos das próprias crianças, o momento é propício ao uso, nas práticas escolares, de recursos das mídias contemporâneas. O ambiente social em que vivemos é permeado pelas mídias e, assim sendo, a escola não pode desconhecer ou desconsiderar tecnologias da informação e comunicação. (RANGEL & FREIRE, 2012)

Sobre a quarta questão - se as aulas de inglês os ajudaram a aprender mais inglês - a maioria das crianças escreveu que nunca tiveram aulas de inglês e que, com certeza, isso os havia ajudado.

Sobre a quinta questão, a maior parte das crianças falou que acha importante aprender inglês *“para ter um emprego bom”, “ir para outro país estudar”, “morar em outro país”*, para fazer intercâmbio, e uma menina escreveu que gostaria de aprender inglês para conhecer o cantor Justin Bieber, seu maior ídolo. Os relatos acabam reafirmando que a língua inglesa é um idioma que configura poder econômico e que têm muita influência cultural e as crianças possuem essa noção.

Na sexta questão - sobre o que achou mais curioso sobre aprender um novo idioma - a maioria das crianças achou curioso o fato de existirem sotaques diferentes. Outra menina escreveu: *“Eu achei interessante para saber como se comunica em outro jeito”*. Vários alunos também citaram que acharam legal conhecer culturas diferentes.

Quase todas as crianças escreveram que gostaram de tudo sobre as aulas de inglês, algumas escreveram que acharam o tempo muito curto, uma falou que não gostou do barulho. Em geral, a maioria destacou que havia gostado de tudo.

Quando foi pedido para que elas dessem sugestões para tornar as aulas mais legais, muitas escreveram que a aula poderia ser mais longa, que elas pudessem utilizar mais o computador e uma aluna escreveu o seguinte: *“Eu tenho uma sugestão de conjugar verbos, passado, presente e futuro. Ex: I am, She is, It is, You are”*. Os alunos sentem mais necessidade de trabalhar a gramática da língua inglesa, principalmente aqueles que já têm aulas de inglês fora da escola.

Abaixo, seguem imagens de alguns questionários realizados pelas crianças (os demais constam no Anexo 2), com a opinião delas sobre as atividades, sobre a aprendizagem de língua inglesa e sobre o uso das novas tecnologias na escola:

- 1 - Qual das atividades de Inglês trabalhadas na Informática (vídeos, exercícios, jogos, atividades) você mais gostou? Por quê?

Eu gostei muito quando eu vi e vi, um diálogo entre uma garota britânica e um garoto americano. O sotaque é bem diferente e algumas

- 2 - Como é estudar inglês, agora, pra você? Você pensava assim antes dessas aulas? Por quê?

Bom, eu pretendo fazer planos de intercâmbio eu ir para o exterior, e já que o inglês é mundialmente conhecido, não preciso falar a língua daquele país. Por isso ele é tão importante.

- 3 - Você acredita que utilizar a tecnologia da escola (computador, internet, sala de informática) ajudou a tornar a aula de Inglês mais divertida e interessante? Por quê?

Sim, porque é sempre bom ter experiências novas, ainda mais com a internet que é uma coisa muito importante.

- 4 - As aulas contribuíram para que você aprendesse mais inglês? O que você mais gostou de aprender?

Sim, eu aprendi novas palavras e músicas de um modo bem divertido.

- 5 - Após as atividades, vídeos e discussões, por que você acha que é tão importante falar inglês hoje em dia?

Porque, se você for para o exterior ou intercâmbio, não sabe a língua do país, além de ampliar meus horizontes.

- 6 - O que você achou mais interessante ou curioso sobre aprender uma novalíngua?

Os sotaques, porque você tem um sotaque, na outra língua tem outro. Eu me identifico com o britânico, por causa do sotaque.

- 7 - O que você não gostou nas aulas de Inglês?

Eu não detectei nenhum tipo de pontos negativos.

- 8 - O que poderia ser mudado nessas aulas para elas ficarem ainda mais legais?

Eu tenho uma sugestão de conjugar verbos, passado, presente e futuro.

Ex.: I AM
SHE IS
HE IS
IT IS
YOU ARE

- Qual das atividades de Inglês trabalhadas na Informática (vídeos, exercícios, jogos, atividades) você mais gostou?

igual. *a de cantar músicas no English is fun! a da "velha danalti", ia, ia, ia! gostei porque faz em inglês e fazia tempo que eu não escutava esta música.*

- Como é estudar inglês, agora, pra você? Você pensava assim antes dessas aulas? Por quê?

Muito bom, eu já pensava que ia ser bom para mim, porque isso vai me ajudar no meu futuro.

- Você acredita que utilizar a tecnologia da escola (computador, internet, sala de informática) ajudou a tornar a aula de Inglês mais divertida e interessante? Por quê?

Sim, porque a gente não escrevia, mas a gente tinha a contata melhor com as línguas.

-As aulas contribuíram para que você aprendesse mais inglês? O que você mais gostou de aprender?

Sim e muito!, tudo mas a que eu mais gostei muito foi a festa English is fun!

-Após as atividades, vídeos e discussões, por que você acha que é tão importante falar inglês hoje em dia?

Por que o inglês está cada dia mais presente no nosso dia a dia. Como no trabalho.
-O que você achou mais interessante ou curioso sobre aprender uma nova língua? *E se por bom aprender uma nova língua, e vai me ajudar no futuro.*

-O que você não gostou nas aulas de Inglês?

Eu gostei de tudo, principalmente da professora Carolina.

-O que poderia ser mudado nessas aulas par elas ficarem ainda mais legais?

As aulas de Inglês devia ser 1:30h, e atividades as ar livre. Como ela por uma música em Inglês na quadra e ela ensinar a gente a cantar e dançar.

- Qual das atividades de Inglês trabalhadas na Informática (vídeos, exercícios, jogos, atividades) você mais gostou? Por quê?

Os jogos, porque nós aprendemos inglês de uma forma divertida.

- Como é estudar inglês, agora, pra você? Você pensava assim antes dessas aulas? Por quê?

Legal, eu pensava antes das aulas de inglês que seria mais difícil, pois é uma língua nova para mim.

- Você acredita que utilizar a tecnologia da escola (computador, internet, sala de informática) ajudou a tornar a aula de Inglês mais divertida e interessante? Por quê?

Sim, porque é muito mais rápido de entender como é o inglês e as palavras são pronunciadas.

-As aulas contribuíram para que você aprendesse mais inglês? O que você mais gostou de aprender?

Sim, o que eu mais gostei de aprender foi que em alguns lugares diferentes não tem o mesmo sotaque do inglês.

-Após as atividades, vídeos e discussões, por que você acha que é tão importante falar inglês hoje em dia?

Para ter um emprego, ir para outro país estudar ou ir morar em outro país.

-O que você achou mais interessante ou curioso sobre aprender uma novalíngua?

Que nem todo lugar que se fala inglês tem o mesmo sotaque.

-O que você não gostou nas aulas de Inglês?

Gostei de tudo.

-O que poderia ser mudado nessas aulas para elas ficarem ainda mais legais?

Ter mais tempo de aula.

- Qual das atividades de Inglês trabalhadas na Informática (vídeos, exercícios, jogos, atividades) você mais gostou? Por quê?

R: Eu gostei muito das atividades que você passa
foi muito legal por que eu nunca jogei e leg coisas que gostei

- Como é estudar inglês, agora, pra você? Você pensava assim antes dessas aulas? Por quê?

R: Pra mim estudar inglês foi difícil por que eu nunca falei inglês
e eu acho muito interessante o inglês.

- Você acredita que utilizar a tecnologia da escola (computador, internet, sala de informática) ajudou a tornar a aula de Inglês mais divertida e interessante? Por quê?

R: Eu achei muito interessante por que na informática
foi mais fácil por que eu aprendi mais muito mais

-As aulas contribuíram para que você aprendesse mais inglês? O que você mais gostou de aprender?

R: Sim as aulas de inglês ajudaram muito e o que
eu mais gostei foi tudo eu adorei tudo.

-Após as atividades, vídeos e discussões, por que você acha que é tão importante falar inglês hoje em dia?

R: Por que se não é para um país que se
se fala inglês aí não se fala com eles

-O que você achou mais interessante ou curioso sobre aprender uma nova língua?

R: Eu achei muito legal a fala inglês e era
o meu sonho aprender inglês.

-O que você não gostou nas aulas de Inglês?

R: Nada eu adorei todas

-O que poderia ser mudado nessas aulas para elas ficarem ainda mais legais?

R: Ter mais tempo para aprender muito mais
inglês por que é muito legal aprender inglês

Quanto ao questionário enviado para as duas professoras, Giselle e Valéria, por e-mail, o seguinte roteiro foi estruturado:

Considerando as aulas de inglês no laboratório de informática e as atividades propostas aos alunos, qual sua percepção com relação à(s):

- Envolvimento dos alunos:

-Presença das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem de inglês:

-Principais dificuldades observadas no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa com relação às aulas e as atividades propostas para as crianças do quinto ano.

-Importância das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) na formação (inicial ou continuada) de professores.

-Qual a avaliação de sua formação para a utilização das TICs em sala de aula?

-Outras impressões ou comentários (positivos e negativos) sobre a atividade realizada na escola.

Abaixo, seguem as repostas, na íntegra, das duas professoras, Valéria e Giselle, respectivamente:

Respostas da professora Valéria:

Considerando as aulas de inglês no laboratório de informática e as atividades propostas aos alunos, qual sua percepção com relação à(s):

- Envolvimento dos alunos:

“Os alunos se envolveram muito e participaram das atividades propostas, com a utilização dos recursos tecnológicos as aulas ficaram mais atraentes.”

-Presença das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem de inglês:

“É fundamental o uso das novas tecnologias não só nas aulas de inglês, mas em todas as disciplinas. A criança se sente motivada com esses recursos no processo de ensino e aprendizagem.”

- Principais dificuldades observadas no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa com relação às aulas e as atividades propostas para as crianças do quinto ano.

“Percebi que os alunos não apresentaram dificuldade alguma, participaram das aulas com entusiasmo.”

-Importância das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) na formação (inicial ou continuada) de professores.

“Acredito ser fundamental desde que o professor utilize as novas tecnologias assumindo um trabalho sério onde o “aprender a aprender” esteja presente em suas aulas, priorizando a pesquisa investigativa e não a cópia. “

Educar pela pesquisa é a educação própria da escola e da universidade” (DEMO, Pedro).”

-Qual a avaliação de sua formação para a utilização das TICs em sala de aula?

“Foi na pós-graduação que tive algumas aulas sobre a utilização de Tecnologia em sala de aula, mas aprendi a utilizá-las estudando e pesquisando com colegas, sozinha ou em cursos.”

-Outras impressões ou comentários (positivos e negativos) sobre a atividade realizada na escola.

“Fiquei muito satisfeita com as atividades realizadas, pois contribuiu com o trabalho desenvolvido em minhas aulas.”

Respostas da professora Giselle:

Considerando as aulas de inglês no laboratório de informática e as atividades propostas aos alunos, qual sua percepção com relação à(s):

-As atividades propostas

“As atividades propostas estavam inseridas no currículo e acabou contemplando o conteúdo do trimestre. Eles aprendem sem perceber.”

“A interatividade imperou durante as aulas, pois foram usadas músicas, vídeos e jogos.”

- Envolvimento dos alunos:

“Os alunos participaram com interesse e ficavam empolgados em aprender uma nova língua. Ao mesmo tempo em que aprendiam se divertiam. Depois das aulas de inglês os alunos queriam mais e sempre perguntavam quando a professora de inglês voltaria.”

-Presença das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem de inglês:

“As atividades propostas usando as novas tecnologias é um facilitador para tornar as aulas de inglês mais interessante, pois os alunos aprendem sem perceber, afinal a tecnologia torna o aprendizado mais prazeroso. O aluno aprende de forma divertida e dinâmica, com atividades e ambientes que estimulam a familiarização com a língua.”

- Principais dificuldades observadas no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa com relação às aulas e as atividades propostas para as crianças do quinto ano?

“Não notei dificuldade na realização das atividades proposta, pois todos participavam das aulas com dedicação e se empolgavam com as atividades propostas.”

-Importância das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) na formação (inicial ou continuada) de professores

“As TICs deve fazer parte do dia a dia do professor, mas para isso deve começar no curso de pedagogia e depois o professor deve continuar buscando formação para enriquecer a sua prática.”

-Qual a avaliação de sua formação para a utilização das TICs em sala de aula?

“Na minha formação acadêmica eu não tive formação para utilizar TICs em sala de aula, mas quando comecei a exercer a profissão eu fui estudar, pesquisar e me aprofundar no assunto para que eu pudesse melhorar a minha prática e tornar as aulas mais interativas, podendo assim propiciar a inclusão digital de todos os alunos, através de postagens no blog da sala, entre outros recursos que tenho aprendido.”

“Para mim a utilização das TICs em sala de aula já faz parte da rotina diária, pois além de usar em sala de aula, os alunos levam o laptop UCA para casa, onde interage com os familiares.”

-Outras impressões ou comentários (positivos e negativos) sobre a atividade realizada na escola: *A professora não respondeu esse item.*

Analisando as respostas das duas docentes é possível constatar que ambas ficaram satisfeitas com as atividades propostas, perceberam grande participação e entusiasmo de seus alunos e não descreveram ter observado dificuldades durante as atividades. Além disso, ambas defendem o uso das TICs na sala de aula e afirmam que as tecnologias tornam as aulas mais dinâmicas, prazerosas, motivadoras e divertidas. É importante lembrar, como apontado, que já utilizavam as TICs na escola, em outras disciplinas.

Ambas afirmaram que durante seus cursos de graduação não tiveram formação para o uso das TICs, porém quando iniciaram a carreira docente, procuraram por conta própria aprimorar-se e estudar através de cursos de formação, pós-graduação, e, dessa forma, aprenderam a utilizar as novas tecnologias.

Ambas as docentes defendem que as TICs são muito importantes na formação dos professores e deveriam ser iniciadas já no curso de graduação

em Pedagogia. A professora Valéria ainda destaca que as tecnologias devem incentivar a pesquisa e a investigação e não a cópia. A professora Giselle também disse, durante uma conversa informal, que já havia dado curso de formação para as professoras daquela escola no horário extra das aulas, para que elas aprendessem a utilizar o programa LINUX¹¹ que foi instalado nos computadores da sala de informática. A professora aprendeu por conta própria e por curiosidade a manusear o sistema, e, reconhecendo a importância de se utilizar aqueles computadores na escola, a docente acreditou que seria fundamental que todas as professoras soubessem utilizá-los.

Embora nessa escola as duas docentes das classes em que a pesquisa foi realizada fossem comprometidas e a favor do uso das novas tecnologias e já utilizassem as TICs nas suas aulas, vale lembrar que muitas pesquisas mostram que esses casos são uma exceção. Como já apontado no terceiro capítulo, a grande maioria dos professores ainda se sente insegura quanto ao uso das tecnologias em sala de aula. Em uma pesquisa, como já citado no capítulo 3, 85% de uma amostra de 253 professores de ensino médio de escolas públicas estaduais de Campinas ainda não se percebem confiantes para utilizar tecnologias no ensino, em situações que envolvem esse uso com os alunos. (ALVARENGA, 2010)

De modo geral, os resultados da pesquisa-ação mostraram, apesar de qualquer obstáculo técnico/operacional, muito interesse dos estudantes do 5º ano de ambas as salas em aprender inglês e revelaram que as crianças já têm contato com esse idioma fora da escola. Esses alunos também dominam ferramentas das novas TICs, dada a proposta pedagógica que as duas docentes envolvidas na pesquisa desenvolvem na EMEF. As crianças adoraram ir para a sala de informática, participaram muito das atividades, já sabiam manusear os jogos online e realizar as atividades no computador com facilidade. Além disso, os alunos revelaram que adquiriram um maior conhecimento sobre a língua inglesa, graças também à utilização dos recursos tecnológicos disponibilizados pela escola.

¹¹ Definição do sistema operativo Linux disponível em: <<http://www.netfolio.pt/ajuda/glossario>> Acesso em 2 de nov. de 2012.

6. Considerações Finais

A importância deste trabalho é mostrar a relevância do ensino-aprendizagem de uma segunda língua, principalmente o inglês, na infância, concomitantemente ao uso das novas tecnologias e suas colaborações para tornar o processo de ensino de línguas mais contextualizado e significativo.

Para o enriquecimento deste estudo, procurou-se destacar, por meio de pesquisas na área de ensino de língua estrangeira na infância (ROCHA, 2008, CAMERON, 2001, entre outros), a importância do ensino-aprendizagem de inglês no ensino fundamental I, enfatizando que as aulas precisam aliar objetivos de ensino bem definidos ao contexto no qual esse ensino está inserido.

Especificamente no Brasil, como visto, há uma ineficiência do ensino de línguas nas escolas regulares, principalmente nas escolas públicas e, no entanto, ao contrário do que recomendam alguns pesquisadores do ensino de línguas na infância, a LDB determina que o ensino de língua estrangeira só seja obrigatório a partir do Ensino Fundamental II, o que, de certa forma, acaba deslegitimando o ensino de línguas nas séries iniciais. Outros fatores que vimos dificultar o ensino de inglês no país é a formação ineficiente dos professores e a escassez de pesquisas na área do ensino de línguas para crianças.

Através deste estudo, procurou-se então, gerar algum tipo de movimentação, através de uma pesquisa ação, para que as pessoas percebam a importância de se ensinar língua estrangeira desde cedo, utilizando as maneiras mais propícias de se motivar a criança a aprender um novo idioma, respeitando sua natureza como aprendiz.

Além disso, falou-se neste trabalho que o momento é bastante propício para que se unam as tecnologias ao ensino de inglês, pois cada vez mais as crianças têm acesso, no seu dia-dia, às instigantes ferramentas tecnológicas que muitas vezes exigem o conhecimento do inglês para o seu manuseio. Ademais, a internet oferece uma ampla quantidade de meios para se estudar inglês, como os blogs, que permitem compartilhamento e interatividade, os vídeos, os jogos educativos online, os objetos de aprendizagem, entre muitas outras ferramentas, que permitem que a criança conheça diferentes culturas e

se comunique com falantes nativos e outros aprendizes de inglês, além de aprender o vocabulário de língua de forma mais dinâmica e prazerosa.

Para isso, realizou-se um trabalho de campo usando o método de pesquisa ação em duas salas de quinto ano da EMEF Elza Maria Pelegrini de Souza Aguiar, escola de Campinas reconhecida por ter o programa UCA (um computador por aluno), além de duas docentes engajadas no trabalho com as novas tecnologias, que aceitaram a proposta desse estudo. Na pesquisa, foram realizadas atividades com vídeos, jogos, músicas, objetos de aprendizagem, etc., no laboratório de informática da escola.

Concluiu-se, através da pesquisa-ação, que as crianças de fato se sentem mais motivadas a aprender inglês com as novas tecnologias e que as TICs permitem um maior contato dos educandos com as diferentes culturas, sendo que a interculturalidade é um aspecto propulsor do ensino de línguas estrangeiras. Além disso, as crianças mostram-se muito curiosas para aprender o idioma, pois já tem muito contato com o inglês através dos programas de televisão que assistem, das músicas que ouvem, dos videogames que gostam, das roupas que vestem, etc. As novas tecnologias também estão presentes no dia-dia das crianças da EMEF, principalmente devido ao projeto UCA, do governo federal, desenvolvido na escola e ao trabalho que as duas professoras já realizavam na escola utilizando as TICs.

Nessa escola, especificamente, o trabalho em equipe entre a gestão e as professoras, permitiu um cenário bem sucedido de utilização das novas tecnologias. Entretanto, deve-se ter consciência de que muitas escolas públicas do país, embora tenham salas de informática, pouco a utilizam, pois a equipe gestora da escola e as professoras não estão engajadas no trabalho com as novas TICs e às vezes não sabem utilizá-las ou tem medo.

Esse estudo também observou que faltam pesquisas que discutam o uso das tecnologias em aulas de inglês para crianças, e que essa relação deveria ser mais explorada nas pesquisas, considerando o poder das TICs de motivar os jovens para a aprendizagem não só de inglês, como de muitas outras disciplinas escolares.

Enfim, assevera-se na presente pesquisa que as novas tecnologias e o ensino-aprendizagem de inglês podem estar relacionados e gerar resultados positivos para a aprendizagem. Contudo, como salientado, faltam estudos e

pesquisas que explorem essa relação. Assim, a união entre as TICs e as aulas de inglês nas escolas, desde as séries iniciais do ensino fundamental, poderia ser um dos atenuantes para as dificuldades que se têm em nosso país sobre o ensino de língua estrangeira, especificamente a língua inglesa, principalmente nas escolas públicas regulares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, W. M. J. , OZELLA, S. *Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos*. Psicol. cienc. prof. v.26 n.2 Brasília jun. 2006.

BARATO, J. N. *Aqui agora: novas tecnologias, o local e o universal*. IN *Escritos sobre Tecnologia Educacional e Educação Profissional*. São Paulo, SENAC, 2002.

BIOE. Banco Internacional de Objetos de Aprendizagem. Disponível em: <<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/>>. Acesso em: 27 de set. de 2012

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em <www.mec.gov.br>. Acesso em: 31 Ago. 2012.

CCE-Info. Disponível em: <<http://www.cceinfo.com.br/produtos/educacao/uca>>. Acesso em: 15 de out. de 2012.

FIGUEIRA, Mara. *Revista TV escola, Mundo virtual*, Curitiba, p. 18, volume 1, 2010.

FREIRE, W. ; AMORA, D. ; SANTOS, E.O. ; LEITE, L. S.; SILVA, M.; FILÉ, V. *Tecnologia e Educação. As mídias na prática docente*. Rio de Janeiro: Ed. Walk, 2011.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 15-95.

LINS, H. A. M. *Os blogs, as novas tecnologias e as práticas pedagógicas: questões socioculturais, políticas e de formação docente*. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 13, n. 2, jul./dez. 2011.

MATTA, A. *Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de história. Utilizando comunidades de aprendizagem e hipercomposição*. . Brasília: Liber Livro Editora Ltda., 2006.

PAIVA, V. L. M. O. ; *A www e o ensino de Inglês*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. V. 1, n1, 2001.p.93 – 116

PARÂMETROS curriculares nacionais – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC, 1998.

Prefeitura Municipal de Campinas. Disponível em <<http://www.campinas.sp.gov.br/>>. Acesso em 10 de set. de 2012

RANGEL, M.; FREIRE, W. *Educação com tecnologia. Texto, hipertexto e leitura*. Rio de Janeiro: Ed. Walk, 2012.

ROCHA, C.H.; BASSO, E. A. *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades. Reflexões para professores e formadores*. São Carlos – SP: Ed. Claraluz Ltda., 2008.

ROCHA, C. H. *A língua inglesa no ensino fundamental I público: diálogos com Bakhtin por uma formação plurilíngue*. IEL/UNICAMP, Campinas, 2009.

SHEPPARD SOFTWARE. Disponível em: <<http://www.sheppardsoftware.com>> Acesso em: 10 de set. de 2012.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

UCA. Disponível em: <<http://www.uca.gov.br/institucional/criteriosEscolha.jsp>>. Acesso em: 15 de out. de 2012

YOUTUBE. Disponível em < <http://www.youtube.com/?gl=BR&hl=pt>>. Acesso em: 2 de ago. de 2012

ANEXO 1
QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS

- Qual das atividades de Inglês trabalhadas na Informática (vídeos, exercícios, jogos, atividades) você mais gostou?

Por quê? ENGLISH IS FUN!
POR QUE TEM MUITOS JOGO LEGAL E
DIVERTIDO

- Como é estudar inglês, agora, pra você? Você pensava assim antes dessas aulas? Por quê?

PORQUE EU ADOREI MUITO SABER
INGLÊS

- Você acredita que utilizar a tecnologia da escola (computador, internet, sala de informática) ajudou a tornar a aula de Inglês mais divertida e interessante? Por quê?

AJUDA MUITO PORQUE NÓS PODEMOS
PESQUISAR COISAS NA INTERNETE

-As aulas contribuíram para que você aprendesse mais inglês? O que você mais gostou de aprender?

SIM AJUDOU MUITO

-Após as atividades, vídeos e discussões, por que você acha que é tão importante falar inglês hoje em dia?

PORQUE NOS TEMOS QUE SABER FALAR
PARA IR PARA OUTROS PAISES

-O que você achou mais interessante ou curioso sobre aprender uma nova língua?

MUITO LEGAL ADOREI QUERER
APRENDER MAIS LINGUA

-O que você não gostou nas aulas de Inglês?

EU GOTEI DE TODO

-O que poderia ser mudado nessas aulas para elas ficarem ainda mais legais?

NA DA TÁ TODO PERFEITO

- Qual das atividades de Inglês trabalhadas na Informática (vídeos, exercícios, jogos, atividades) você mais gostou? Por quê? *jogo, vídeos e atividades. Porque ajuda ao desenvolvimento no English.*

- Como é estudar inglês, agora, pra você? Você pensava assim antes dessas aulas? Por quê? *Eu pensava e eu também faço curso de English.*

- Você acredita que utilizar a tecnologia da escola (computador, internet, sala de informática) ajudou a tornar a aula de Inglês mais divertida e interessante? Por quê?

Queda, mas seria legal se mais alunos usassem o computador para explorar.

-As aulas contribuíram para que você aprendesse mais inglês? O que você mais gostou de aprender?

Sim, aprendo muito.

eu gostei mais das atividades e jogos

-Após as atividades, vídeos e discussões, por que você acha que é tão importante falar inglês hoje em dia?

Porque o English está no mundo de hoje e ajuda a ganhar muito emprego hoje em dia

-O que você achou mais interessante ou curioso sobre aprender uma nova língua?

Legal e muito interessante

-O que você não gostou nas aulas de Inglês?

Eu não gostei na hora que o vídeo ficava travando.

-O que poderia ser mudado nessas aulas para elas ficarem ainda mais legais?

Alunos mexerem no computador

E prestar mais atenção na aula

- Qual das atividades de Inglês trabalhadas na Informática (vídeos, exercícios, jogos, atividades) você mais gostou? Por quê?

R: Eu gostei de todos de vídeos, jogos e ainda atividades, exercícios esse que eu aprendi de Inglês. Com o Prof. Carol.

- Como é estudar inglês, agora, pra você? Você pensava assim antes dessas aulas? Por quê?

R: Não pensava. Por que eu não sabia que ia ter Inglês agora sim que ter aulas de Inglês.

- Você acredita que utilizar a tecnologia da escola (computador, internet, sala de informática) ajudou a tornar a aula de Inglês mais divertida e interessante? Por quê?

Pode mexer no internet, computadores... ainda.

-As aulas contribuíram para que você aprendesse mais inglês? O que você mais gostou de aprender?

R: Jogos, atividades, vídeos etc...

-Após as atividades, vídeos e discussões, por que você acha que é tão importante falar inglês hoje em dia?

R: Eu não consigo falar Inglês tem que fazer aula para aprender.

-O que você achou mais interessante ou curioso sobre aprender uma novalíngua?

R: Jogos, vídeos, atividades e entre outra coisa.

-O que você não gostou nas aulas de Inglês?

R: Eu gostei de tudo.

-O que poderia ser mudado nessas aulas par elas ficarem ainda mais legais?

R: Música Inglês etc...

- Qual das atividades de Inglês trabalhadas na Informática (vídeos, exercícios, jogos, atividades) você mais gostou? Por quê?

R. VIDEOS POR QUE MOSTRAVA COMO É A MÚSICA EM INGLÊS.

- Como é estudar inglês, agora, pra você? Você pensava assim antes dessas aulas? Por quê?

E BOM PENSAVA POR QUE EU GOSTO DE APRENDER NOVAS LINGUAS.

- Você acredita que utilizar a tecnologia da escola (computador, internet, sala de informática) ajudou a tornar a aula de Inglês mais divertida e interessante? Por quê?

SIM PORQUE PODEMOS PESQUISAR PALAVRAS EM INGLÊS.

-As aulas contribuíram para que você aprendesse mais inglês? O que você mais gostou de aprender?

SIM, TUDO PRINCIPALMENTE O NOME DOS JOGOS.

-Após as atividades, vídeos e discussões, por que você acha que é tão importante falar inglês hoje em dia?

POR QUE TEM MUITOS IMIGRANTES NO BRASIL, E

-O que você achou mais interessante ou curioso sobre aprender uma nova língua?

O JEITO DAS PESSOAS FALAREM.

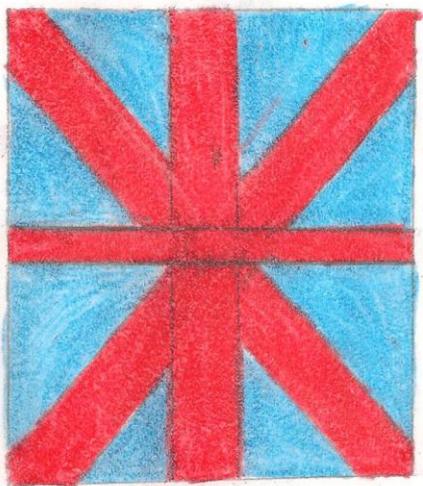
-O que você não gostou nas aulas de Inglês?

NADA.

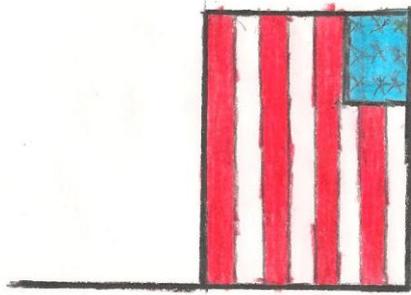
-O que poderia ser mudado nessas aulas para elas ficarem ainda mais legais?

MAIS TEMPO PARA AULA DE INGLÊS.

ANEXO 2
ATIVIDADE 1



O inglês é importante porque fora de Brasil os cursos são
diferentes principalmente a língua. Não soube e in pro
Disney mas lá todo mundo fala inglês agora em
estes tendo aula com você e espera aprender
bastante com você e com outras professoras pra
quando eu crescer eu poder ir pra Disney pra
achar inglês muito chato mas agora que eu
estou tendo aula de inglês eu estou achando
um motivo pra quando estiver trabalhando
muito inglês eu poder valer contar por
exemplo. Já não está pagando para o comércio
retornar.

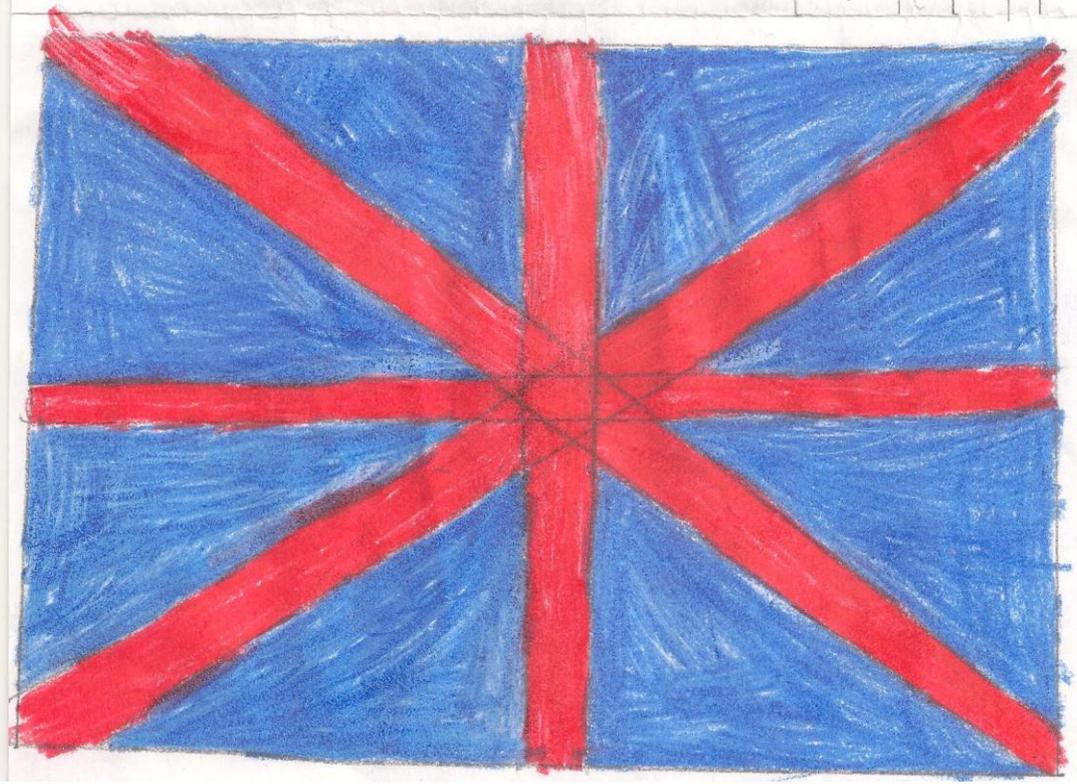
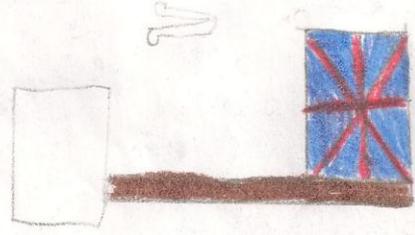


O inglês pra mim é muito importante porque quando alguém respica nem pra outra país é mais fácil de comunicar sem falar a sua língua que a maioria a diversidade aprendem o inglês.

A LINGUA INGLESA É MUITO IMPORTANTE
EM OUTRO PIS É EM UM VIAGGEMEN ATB

PARA ALPINA UM BRAGA ETC...

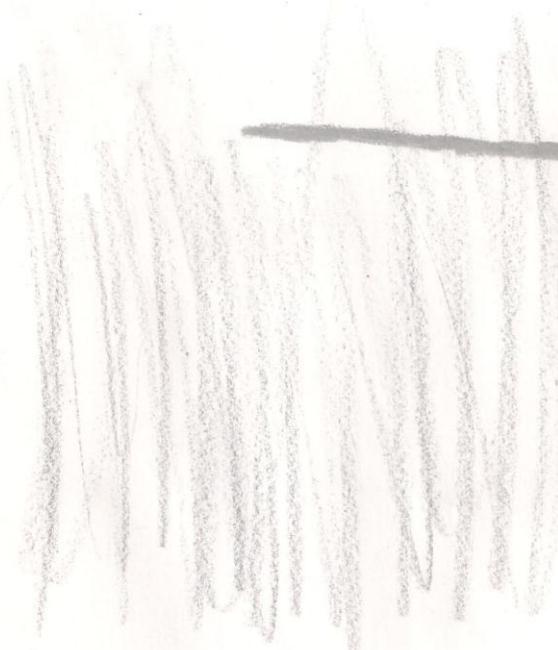
NONES WENDELL GIOTTI DA COSTA





Inglaterra

Eu quero fazer o inglês porque da vontade de
trabalhar em uma empresa e também quero fazer inglês
para quando eu quiser sair morar em inglês eu vou.



data: 08/10/2013

tema: inglês

Eu acho que aprender inglês

é muito bom, por que se

um dia nós quiser ir para

outro país, o gente já vai

estar sabendo falar a língua,

depois de ter entendido e que

estamos falando, então eu acho

que aprender inglês é também

uma oportunidade que nós

temos para aprender de uma

maneira gostosa.

Aprender inglês também

é muito bom, porque quando

alguém nos é o nos nos já

como está falando mais
e nós vamos ter dificuldades
de aprender inglês.

